



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA

A WEB 2.0 NOS ARQUIVOS PORTUGUESES

Dissertação apresentada à
Faculdade de Filosofia da
Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do
grau de mestre em Ciências da
Informação e Documentação.

Sandra Pereira Rodrigues



FACULDADE DE FILOSOFIA DE BRAGA

2011



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA

A WEB 2.0 NOS ARQUIVOS PORTUGUESES

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Ciências da Informação e Documentação sob orientação do Prof. Doutor António Manuel Valente Andrade e do Dr. António Maranhão Peixoto

Sandra Pereira Rodrigues



FACULDADE DE FILOSOFIA DE BRAGA
2011

Ao meu marido, obrigada por me fazeres
acreditar...

Agradecimentos

Foi junto da minha família que encontrei sempre o apoio e compreensão para conseguir concluir todo o meu percurso académico desde a licenciatura até agora, percurso, esse que pelo menos por agora culmina com a entrega da tese de mestrado. Quero assim aqui destacar o meu Marido pela paciência, por todo o apoio e principalmente por ser o principal motivador deste desafio, à minha Mãe e ao meu Pai por acreditarem em mim e por ultimo mas os mais importantes os meus filhos Rodrigo e Afonso pelas minhas ausências, por todas as noites que não puderam ter a mãe com eles.

Quero aproveitar para agradecer a todos os professores o apoio e orientação ao longo destes anos.

Agradeço também a toda a minha turma pelo companheirismo demonstrado ao longo destes anos.

E porque os últimos são sempre os primeiros quero agradecer ao meu orientador Prof. Doutor António Manuel Valente Andrade e ao Co-orientador Dr. António Maranhão Peixoto, pela sua disponibilidade e orientação ao longo deste percurso, sem eles não teria sido possível. A eles um grande bem-haja.

O esforço foi enorme mas valeu a pena.

A todos muito obrigado.

Resumo

Cada vez mais é imprescindível que as instituições e os profissionais que lidam com informação estejam aptos a aproveitar o potencial sempre renovado das tecnologias da informação em prol do desenvolvimento e da divulgação dos seus bens e serviços. Reflectir sobre o papel dos Arquivos Portugueses na Sociedade da Informação, bem como identificar quais os recursos da Web 2.0 utilizados para divulgar e interagir com os seus públicos são os objectivos centrais desta investigação. A metodologia adoptada foi a de estudo de caso que permite segundo Yin (2005) contribuir para o conhecimento dos fenómenos organizacionais e sociais entre outros. Recorremos a técnicas de recolha de dados baseada em inquérito por questionário administrados a trezentos e oito Arquivos Municipais, dezoito Distritais e dois Regionais tendo obtido setenta e sete respostas. Os resultados obtidos com o tratamento estatístico dos dados permitem concluir que, apesar da grande importância atribuída pelos Arquivistas ao desenvolvimento e aplicação de tecnologias da informação o nível de utilização dos recursos da Web 2.0 é relativamente diminuto. Desta constatação é possível inferir que existe falta de conhecimento e de visão para o potencial dos recursos dos média sociais como dimensão complementar à dinâmica de comunicação dos Arquivos e do papel do Arquivista.

Palavras-chave: Arquivística, Web 2.0, Arquivos, Ciência da Informação e Documentação, Informação, Tecnologia Colaborativa.

Abstract

Increasingly, it is essential that institutions and professionals who deal with information are able to harness the potential new information technologies for development and dissemination of their goods and services. Reflect on the role of the Portuguese Archives in the Information Society, as well as identify what Web 2.0 features used to unveil and interact with their users are the central objectives of this research. The methodology adopted was a case study that allows, according to Yin (2005) to contribute to the knowledge of organizational and social phenomena and others as well. We apply data collection techniques based on survey, administered to three hundred and eight Municipal Archives, eighteen District and two Regional and obtained seventy-seven responses. The results obtained with the statistical treatment of data shows that, despite the great importance attached by archivists in the development and application of information technology, the level of Web 2.0 use features are relatively small. This finding is possible to infer that there is a lack of knowledge and vision for the resource potential of social media as a complementary dimension to the dynamics of communication files and the role of archivists.

Key-Words: Archival, Web 2.0, Archives, Information and Documentation Science, Information, Collaborative Technology.

Sumário

1. Introdução.....	1
1.1. Considerações gerais.....	1
1.2. Delimitação do tema.....	2
1.3. Motivação para a escolha do tema.....	3
1.4. Apresentação do problema.....	4
1.5. Questões fundamentais.....	6
1.6. Objectivos.....	7
1.7. Metodologia de investigação adoptada.....	8
1.8. Organização da dissertação.....	9
2. Advento e desenvolvimento da Arquivística.....	10
2.1. A Arquivística enquanto disciplina científica.....	10
2.2. O Arquivista enquanto gestor de informação.....	13
2.3. Evolução da Ciência da Informação e Documentação em Portugal.....	16
3. Os Arquivos Portugueses.....	23
3.1. Arquivos Portugueses da Administração Pública.....	24
3.2. Os Arquivos na era Internet.....	29
3.2.1. Breve percurso histórico.....	29
3.2.2. Web 2.0.....	31
3.2.3. Instrumentos de acesso à informação nos Arquivos Portugueses.....	34
3.2.4. Recursos da web 2.0 utilizados nos Arquivos.....	38
4. Metodologia de investigação.....	40
4.1. Objectivos.....	40
4.2. Incidência do estudo.....	40
4.3. Estudo de caso.....	41
4.4. Inquérito.....	42

5. Análise e discussão dos dados.....	43
5.1. Análise descritiva geral.....	43
5.2. Identificação e enquadramento orgânico-funcional.....	43
5.3. Características físicas.....	46
5.4. Meios humanos.....	47
5.5. Serviços Prestados.....	48
5.6. Arquivos e tecnologias da informação.....	53
5.7. Utilização da Web 2.0 na divulgação dos Arquivos.....	54
5.8. Aplicação dos recursos da Web 2.0 no trabalho dos Arquivistas.....	59
6. Conclusão.....	65
Bibliografia.....	70
Webgrafia.....	72
Anexo.....	73

Índice de ilustrações

Ilustração 1: Arquivos Regionais.....	24
Ilustração 2: Arquivos Distritais.....	26
Ilustração 3: Arquivos dependentes das Universidades.....	27
Ilustração 4: Web 1.0 X Web 2.0.....	38

Índice de gráficos

Gráfico 1: Identificação da Tipologia do Arquivo.....	43
Gráfico 2: Dependência orgânico-funcional do Arquivo.....	44
Gráfico 3: Espaço físico do Arquivo.....	46
Gráfico 4: Arquivos que foram alvo de apoios na construção/reconstrução.....	46
Gráfico 5: Edifícios exclusivos para Arquivo.....	47
Gráfico 6: Habilitações Literárias dos funcionários dos Arquivos Municipais.....	48
Gráfico 7: Transferências regulares e sistemáticas para arquivo intermédio e/ou definitivo.....	48
Gráfico 8: Frequência com que os Arquivos recebem documentação do exterior.....	49
Gráfico 9: Abertura das instalações ao público.....	50
Gráfico 10: Actividades desenvolvidas nos Arquivos.....	50
Gráfico 11: Frequência com que os utilizadores recorrem ao serviço de Arquivo.....	51
Gráfico 12: Finalidade com que os utilizadores recorrem ao Arquivo.....	52
Gráfico 13: Instrumentos de pesquisa.....	52
Gráfico 14: Importância atribuída às tecnologias da informação.....	53

Gráfico 15: Adopção de novas tecnologias por parte dos Arquivos.....	53
Gráfico 16: Utilização dos recursos da Web 2.0.....	54
Gráfico 17: Recursos da Web 2.0 utilizados para divulgar o Arquivo.....	54
Gráfico 18: Recursos da Web 2.0 utilizados como complementos de ajuda ao trabalho desenvolvido no Arquivo	59

Lista de acrónimos

APDIS: Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde

ARPANET: Advanced Research Projects Agency

BAD: Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas

CECD's: Cursos de Especialização em Ciências Documentais

CERN: Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire

CI: Ciências da Informação

CIA: Conselho Internacional de Arquivos

CID: Ciências da Informação e Documentação

DGARQ: Direcção Geral de Arquivos

EUA: Estados Unidos América

FEUP: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

FID: Federação Internacional de Documentação

FLUP: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

IFLA: International Federation of Library Associations and Institutions

INCITE: Associação Portuguesa para a Gestão da Informação

LCI: Licenciatura em Ciências da Informação

LCTDI: Licenciatura em Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação

LIBERPOLIS: Directório de Bibliotecas Portugal

MILNET: Military Network

NCSA: National Center for Supercomputing Applications

OP I-D: observatório da profissão de Informação-Documentação

PARAM: Programa Apoio Rede Arquivos Municipais

RSS: Really Simple Syndication

UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Web: World Wide Web

1. Introdução

1.1. Considerações gerais

A maior preocupação dos gestores do século XXI consiste na produtividade do conhecimento, ou seja, em como transformar a informação e o conhecimento em valor.

Para sermos bem sucedidos nesta tarefa, precisamos de entender a nova lógica da economia do conhecimento já que, as metodologias e técnicas de gestão usadas na era industrial são de pouca serventia neste novo mundo.

A gestão do conhecimento faz com que as organizações analisem novas situações, paradigmas tradicionais de gestão e modelos mentais previamente assumidos.

Segundo Pereira (2005) "a sociedade moderna é uma sociedade em mudança constante. O indivíduo, as organizações privadas e as entidades públicas são forçados a acompanhar este ritmo de mudança sob o risco de ficarem obsoletos na forma de olhar e de actuar no mundo moderno."

À semelhança de muitas outras organizações, os serviços de informação e documentação atravessam um período de mudança contínua sem precedentes, devido ao rápido desenvolvimento da tecnologia da informação, bem como, nas mudanças sociais e demográficas que se estão a verificar. Esta situação leva à criação de oportunidades únicas para os serviços, já que o fornecimento de informação é o seu principal objectivo. O gestor e o pessoal deparam-se com o desafio de garantir a introdução das mudanças com a máxima eficácia e o mínimo de perturbação para o funcionamento dos serviços. Estes, devem

estar conscientes das questões que resultam das constantes mudanças e estabelecer métodos para lidar com elas.

Actualmente, a Arquivística encontra-se num ponto de mudança em que se assiste, em vários países, a uma procura dos seus fundamentos teóricos e a uma afirmação enquanto ciência, inserindo-a no campo da Ciência da Informação. A reflexão da disciplina sobre si própria e a sua evolução é uma condição imprescindível para o conhecimento arquivístico desde as suas origens, clarificando o seu objecto de estudo e definindo o seu método científico. Desde os anos 80 que, em diferentes países, se revelam manifestações no sentido da procura de uma teoria Arquivística, cuja expressão se tem concretizado em variados artigos publicados em revistas da especialidade e em algumas colectâneas de estudos.

1.2. Delimitação do tema

Na sociedade actual o conhecimento é um bem de valor inestimável, pelo que é necessário promover mecanismos para a sua informação e difusão. Tornar essa informação disponível e criar pontes entre o utilizador e o documento são funções do profissional da informação, tendo este que estar preparado para se adaptar à mudança e à actualização de novos conhecimentos.

Com o surgimento de novas formas de comunicação e difusão da informação, a introdução de novas tecnologias aliadas às antigas experiências constituem meios privilegiados no armazenamento, na divulgação e na sua recuperação de informação. A gestão dessa informação realizada de modo científico, dando ênfase não só ao conteúdo, mas também à expansão e à acessibilidade, é cada vez mais um manifesto

global, transformando-a em meio de conhecimento. O profissional da informação tem que estar preparado para enfrentar novas realidades e tem que:

Desenvolver habilidades interpessoais e de comunicação, acima das realidades técnicas (...) essas habilidades são consideradas importantes em função da relevância do saber, como conhecer o comportamento dos utilizadores em relação à busca e uso da informação, daí a ênfase que deve ser dada à administração dos recursos disponíveis, à fiabilidade das informações, valendo a qualificação e a competência individual de cada profissional.
(Amaral, 1998)

O presente estudo visa investigar a forma como são utilizados os recursos da Web 2.0 nos Arquivos Portugueses.

Para situar a problemática serão abordados os seguintes tópicos:

- ✓ Advento e desenvolvimento da Arquivística;
- ✓ Os Arquivos Portugueses;
- ✓ Na era Internet.

1.3. Motivação para a escolha do tema

O exercício da cidadania pressupõe uma forma actuante de estar no mundo, só podendo ser alcançada por pessoas preparadas e qualificadas para manuseamento da informação. Os Arquivos desempenham papéis muito importantes na disponibilização livre e equitativa de informação que, permite ao cidadão actuar de forma consciente, cívica e criticamente nas dimensões pessoais, sociais e profissionais da sua vida. Para este efeito, os serviços de documentação recorrem às potencialidades das tecnologias da informação, que cada vez mais lhes permitem ultrapassar as barreiras do tempo e do

espaço, contribuindo para a realização da denominada utopia da informação, enquanto "lugar futuro" de cidadãos informados e participativos. Neste âmbito, importa reflectir sobre as estratégias de luta contra a infoexclusão.

A motivação para a escolha do tema deriva essencialmente do facto de trabalhar num Arquivo Municipal e ser uma área de grande interesse para mim, as preocupações por parte dos políticos no que concerne a questões relacionadas com os Arquivos ainda são muito diminutas, os Arquivos não são encarados como meios de dinamização cultural, o que no nosso entender não faz qualquer sentido muito pelo contrario, os Arquivos podem e devem ser utilizados como um meio de chegar às pessoas, de lhes transmitir conhecimento, contudo, também consideramos que temos de ser nós, profissionais da informação, a tentar mudar estas mentalidades, não podemos criticar por criticar é preciso mostrar capacidade de mudança e ter iniciativa, é neste aspecto que consideramos que os recursos da Web 2.0 nos podem ajudar, se não temos dinheiro para mandar fazer um Site porque não faze-lo nós mesmos, a Web 2.0 apresenta-nos um conjunto de recursos fantásticos que nos podem auxiliar a desenvolver e a projectar o trabalho que fazemos, gratuitamente. Por outro lado, consideramos ser um tema actual e de grande pertinência, tema este que ainda não está suficientemente investigado/desenvolvido nas áreas de Arquivo.

1.4. Apresentação do problema

De acordo com Gauthier (2003) "Toda a investigação se constrói a partir de uma questão intrigante. Mas para obter a resposta desejada, é preciso saber colocar a questão certa, a partir de um problema bem articulado."

Os Arquivos em Portugal na sua grande maioria encontram-se em condições precárias. Isto porque não se dá o devido valor à informação.

A informação deve ser vista como um factor preponderante para a ajuda na tomada de decisão, para a competitividade no mercado, para a organização da burocracia e para a preservação do património histórico e cultural. Bem como para efeitos de prova.

Vivemos numa sociedade de informação, onde cada vez mais as tecnologias e a informação se encontram ligadas para proporcionar uma melhoria na recuperação, armazenamento, utilização e difusão de informação.

Portugal tanto possui Arquivos actualizados que permitem uma pesquisa rápida e eficaz aos seus utilizadores, como também incorpora Arquivos que não aderem aos programas lançados pela Direcção Geral de Arquivos (como o PARAM¹) e não usam sequer normas.

Gerir, tratar, apresentar e disponibilizar a informação em rede, de âmbito local, interinstitucional ou internacional, tirando partido dos recursos e soluções tecnológicas, deverão tornar-se preferências para os Arquivistas.

Em função das necessidades dos utilizadores, dos objectivos das instituições e da especificidade da informação, é indispensável criar sistemas informáticos e modelos de partilha de dados. Estes sistemas e modelos devem permitir uma gestão integrada, de forma a possibilitar o acesso à distância a colecções e fundos, à rápida e eficaz recuperação de informação, bem como, à actualização e à eliminação das redundâncias. Cria-se um vasto campo de debate em torno de

¹ PARAM: Programa Apoio Rede Arquivos Municipais

projectos e do livre acesso a conteúdos digitais, tendo em conta os seus benefícios e riscos.

É neste contexto que o presente estudo procura identificar de forma quantitativa as tecnologias da Web 2.0 utilizadas como recursos na oferta de serviços e produtos tanto a nível de trabalho em backoffice como a nível de apoio aos utilizadores dos Arquivos Distritais, Municipais e Regionais Portugueses.

1.5. Questões fundamentais

Ao contrário do que é comum pensar-se, os Arquivos não são apenas recursos ao serviço do desenvolvimento cultural, social e humano dos cidadãos, também detêm um valor económico que, não se limita às receitas e às despesas incluídas nos respectivos orçamentos. A informação e a documentação acham-se entre as matérias-primas mais importantes para potenciar a qualificação profissional, fundamentar a decisão política, sustentar a produção e o avanço do conhecimento científico. Na Administração Pública e nas empresas, a criação de sistemas de gestão integrada de informação é um factor de competitividade, pois significa ganhos de produtividade, mediante a simplificação das acções, a diminuição do tempo de espera e o aumento da pertinência da resposta dada aos serviços e aos cidadãos. É preciso pensar e debater os dividendos "invisíveis", gerados pelos Arquivos.

O presente estudo procura conseguir responder às questões abaixo indicadas:

Qual o papel dos Arquivos Portugueses perante o avanço da Sociedade da Informação?

Como estão os Arquivos Portugueses a adoptar as Tecnologias da Informação?

Que recursos da web 2.0 são utilizados nos serviços de Arquivo?

De que modo podem contribuir os recursos da Web 2.0 nos serviços de Arquivo a prestar aos utilizadores?

Quais os serviços que estão disponíveis em linha?

Que dimensões da Web 2.0 incorporam a dinâmica relacional dos Arquivos Portugueses?

1.6. Objectivos

Objectivo geral:

Estudar e reflectir sobre o acesso à informação nos Arquivos e analisar numa perspectiva diacrónica devidamente contextualizada no quadro do desenvolvimento dos diferentes tipos de Arquivo, bem como, analisar quais os instrumentos destinados a possibilitar o acesso a essa informação, são os objectivos gerais que nos propomos atingir com este estudo.

Objectivos específicos:

- a) Identificar o posicionamento dos Arquivos perante a Sociedade da Informação.
- b) Identificar o posicionamento dos Arquivos perante as tecnologias.
- c) Perceber o que mudou com o aparecimento da Web 2.0.
- d) Identificar as vantagens e desvantagens da utilização dos recursos da Web 2.0.

A problemática escolhida como tema central deste estudo envolve uma análise diacrónica do contexto em que se tem processado o acesso à informação bem como a caracterização dos instrumentos de acesso, quanto à sua tipologia.

1.7. Metodologia de investigação adoptada

Foram utilizados os seguintes procedimentos:

- a) Pesquisa documental - foram realizadas leituras de vários documentos de modo a adquirir um conhecimento prévio que servisse de base ao desenvolvimento teórico.
- b) Pesquisa bibliográfica - os critérios de selecção do material bibliográfico procurou ir de encontro ao tema em estudo, contudo, a grande maioria da bibliografia encontrada ou fala da Arquivística ou fala da Web, encontrando apenas um único estudo que cruza a Arquivística e a Web 2.0, estudo este publicado no Brasil por Charlley Luz. Os termos de pesquisa mais utilizados foram: Arquivística, Web, Web 2.0, Arquivos Regionais, Arquivos Distritais, Arquivos Municipais, Ciência da Informação e Documentação, Informação, Tecnologia Colaborativa.
- c) Envio de inquérito - foi elaborado e enviado um inquérito a todos os Arquivos Municipais (308), Distritais (18) e Regionais (dois). Este inquérito foi elaborado com o objectivo de identificar a tipologia de Arquivos, o modo como estão estruturados, como desenvolvem as suas actividades e se utilizam ou não os recursos disponibilizados pela Web 2.0.
- d) Recolha e avaliação dos resultados.
- e) Análise final aos resultados obtidos.

Tendo em consideração as características do estudo que se pretende realizar, a opção metodológica centra-se numa abordagem quantitativa, baseada num estudo de caso.

1.8. Organização da dissertação

O estudo apresenta-se dividido em seis pontos. O primeiro é um ponto introdutório, define e contextualiza o tema em estudo e identifica os agentes implicados.

No segundo ponto e de um modo geral aborda-se o desenvolvimento da Arquivística. É feita uma introdução genérica à Arquivística e ao aparecimento dos Arquivos.

O terceiro ponto versa sobre as principais acções e enquadramento dos Arquivos em Portugal, diferenciando os diversos tipos de Arquivo e as suas funções. Aborda o paradigma actual dos Arquivos na era da Internet, é feita uma breve introdução à história da Internet, analisa-se de que modo a Web 2.0 pode contribuir na divulgação e trabalho dos Arquivos bem como quais os recursos da Web 2.0 utilizados nestes serviços.

O quarto ponto justifica e descreve a metodologia utilizada na elaboração do estudo.

No quinto ponto são evocados e analisados os dados obtidos a partir da análise dos inquéritos.

Finalmente, no sexto ponto é apresentada a conclusão do estudo.

2. Advento e desenvolvimento da Arquivística

2.1. A Arquivística enquanto disciplina científica

Embora a definição Arquivista, seja relativamente recente, a prática e o exercício profissional que lhe são próprios remontam a épocas muito antigas, ligadas ao aparecimento da escrita, cerca de seis milénios antes de Cristo.

Nas origens, os depósitos de informação não tinham a designação de "Arquivos", nem os responsáveis pela guarda, conservação e disponibilização dos registos de informação eram designados "Arquivistas".

Não existindo no início, uma distinção clara entre "Arquivo" e "Biblioteca", esta só se vem a dar muito mais tarde. Com o desenvolver da sociedade e o aumento da produção de informação, houve necessidade de registar, para melhor potenciar o seu uso posteriormente, foi-se desenvolvendo uma prática dita Arquivística que passou a gerar um saber de experiência feito e a dar sentido ao exercício de uma profissão.

É no séc. XIX que se dá o aparecimento da Arquivística como disciplina, correspondendo a uma maturidade do saber empírico e a uma reflexão sobre a prática, com o objectivo de a racionalizar, orientar e depois fundamentar de um ponto de vista teórico. A Arquivística pode considerar-se um produto da modernidade, a sua estrutura base só foi delineada após a revolução francesa, até esta altura, os Arquivos tiveram uma evolução sem sobressaltos e a prática Arquivística ganhou expressão em concordância, ou seja, seguiu um percurso que

podemos designar por linear. A revolução burguesa² de 1789 veio provocar um golpe estrutural nos Arquivos e a ideologia liberal, nomeadamente com a emergência do Estado Nação, estabeleceu uma nova matriz que haveria de consolidar-se de forma exemplar, ao longo dos dois séculos seguintes, com tal peso que, ainda hoje, se pode considerar que é esse o exemplo dominante, embora ainda pese a crise em que se encontrava.

A nacionalização dos bens das classes detentoras do poder no antigo regime, e por arrasto, a passagem dos títulos para o Estado e demais documentos imprescindíveis à gestão administrativo-financeira de tais bens, foram as razões determinadoras para o surgimento, em França, de uma nova figura Arquivística - Archives Nationales, encarregada de proteger e gerir a informação/documentação nacionalizada. Nasce assim por decreto, um Arquivo que não é um sistema de informação, mas sim uma instituição/serviço, que vai ser acima de tudo, gestora de informação pré existente.

A Arquivística a par com outras disciplinas, como a Paleografia, a Numismática, a Sigilografia entre outras torna-se numa ciência auxiliar, passando apenas a ter sentido no quadro da ciência histórica, a "verdadeira ciência". E o Arquivista ganha também um estatuto de "auxiliar" do historiador, lendo, transcrevendo, catalogando e indexando os documentos de que este precisa. Começa consolidar-se um paradigma ao qual os Arquivistas ainda estão ligados nos dias de hoje.

As conjunturas socio-económicas, políticas e culturais, que antecederam e mediaram as duas guerras mundiais,

² Entende-se por Revoluções Burguesas os processos históricos que consolidam o poder económico da burguesia, bem como sua ascensão ao poder político.

particularmente no que toca ao desenvolvimento tecnológico e ao acelerado crescimento da produção informacional, bem como, a necessidade de valorização da informação administrativa como um importante recurso para a gestão das organizações, criaram uma dicotomia entre os Arquivos históricos, os Arquivos intermédios e os correntes.

Todos estes procedimentos técnicos (classificação, descrição, etc.), não foram suficientes para conferir à Arquivística um estatuto de disciplina científica, existia falta de fundamentos teóricos e metodologia. A Arquivística conseguiu o seu próprio espaço como área de desempenho profissional, embora se mantivesse o paradigma tradicional que por si só entrou em "crise", a verdade é que também desencadeou, no seu próprio seio, os factores de mudança necessários à superação da própria crise.

A decisiva "revolução discreta", iniciada no séc. XIX, da rádio, telégrafo, da televisão, computadores e das comunicações por satélite, ou seja a revolução em geral ligada à informação, veio criar a necessidade de um novo paradigma, a resposta que a sociedade da informação necessitava perante os novos desafios, veio exigir novas competências para o Arquivista, que só se adquirem se houver uma alteração radical nos modelos formativos e nos conteúdos curriculares que irão modelar perfis profissionais inovadores.

Na Época Contemporânea os Arquivos adquirem uma nova dimensão, por um lado são a garantia dos direitos dos cidadãos, por outro conservam e gerem a memória do passado da nação e por isso vão ser objecto da investigação histórica.

Bautier (1961) defende, a ideia de, que até meados do século XX os Arquivos desenvolveram sobretudo a vertente de conservadores e gestores da memória do passado, deixando de

lado a função de serviço à Administração, que até aí tinham desempenhado.

No século XX assistimos à consolidação do conceito e função de Arquivo, como conjunto de documentos, independentemente da data, da forma e do suporte material, produzidos ou recebidos por qualquer pessoa, física ou moral, ou por qualquer organismo público ou privado no exercício da sua actividade, conservados pelos seus criadores ou sucessores para as suas próprias necessidades ou transmitidos a instituições de Arquivos.

2.2. O Arquivista enquanto gestor de informação

A formação que os Arquivistas tanto precisam, começou a ser obtida em contexto de trabalho, no seio das instituições a partir de séc. XIX.

No final dos anos oitenta, uma outra forma de formação, ganhou especial atenção em diversos países da Europa, com especial destaque para a França e Reino Unido, exemplos que posteriormente foram seguidos por outros países, sendo esta formação da responsabilidade das associações profissionais. Há ainda que salientar que foi também nos finais do séc. XIX que surgiu a formação universitária, o ensino da Arquivística começa a surgir embora inserida noutras áreas como a história.

O desenvolvimento da biblioteconomia e o desenvolvimento de uma nova área profissional, designada por documentação, cujos mentores foram os belgas Paul Otlet³ e Henri La

³ Foi considerado como sendo um dos pais da Ciência da Informação, área que ele chamava de "documentação". (Wikipédia, 2011)

Fontaine⁴, principalmente após a criação do Instituto Internacional de bibliografia, em 1895, foi um factor muito importante para a inovação, quer profissional, quer da própria formação. Os documentalistas especializados passaram a constituir um novo grupo de profissionais com carácter essencialmente técnico, e voltado para os novos suportes de informação e tecnologia.

Foi devido a esta corrente documentalista, que no final dos anos cinquenta do séc. XX surge o conceito de "Information Science" e a sua aplicação no contexto profissional. Quase como se tratasse de uma "corrente", surgem outros programas de estudo ligados à C, sobretudo nos Estados Unidos, sendo que alguns deles estão integrados em escolas de Biblioteconomia. Apesar de tudo, só em finais dos anos setenta é que se pode considerar que a área da Ciência da Informação estava implantada a formação académica.

Toda esta fase foi feita progressivamente, com a participação dos documentalistas, especialmente os que exerciam a sua actividade ligada à informação técnica e científica, pois todo este processo acabou por deixar de fora os Arquivistas e os gestores dos documentos, por um lado, porque os Arquivistas tradicionais estavam ligados aos "Arquivos históricos" e à linha erudita e ao historicismo, a sua actividade era mais ligada à cultura de que propriamente à informação; por outro lado os gestores dos documentos nos contextos organizacionais, estavam muito marcados por uma

⁴ Jurista e político belga, foi presidente do Gabinete Internacional Permanente para a Paz, agraciado com o Nobel da Paz de 1913. Juntamente com Paul Otlet é considerado um dos criadores da documentação. (Kikipédia, 2011)

visão administrativa e documental, não tendo também aproximação com o mundo da informação.

O grande impulso para a formação dos Arquivistas, Documentalistas e Bibliotecários e Cientistas da Informação, surgiu a partir de 1974 pela mão da UNESCO com a ajuda da IFLA⁵, FID⁶ e da CIA⁷; apesar de todas estas preocupações internacionais e dos estudos desenvolvidos, os efeitos práticos foram pouco significativos. A Arquivística acentuou a tendência para a harmonização no final da década de oitenta, que levou ao surgimento de uma corrente defensora da autonomia disciplinar e da procura de uma identidade profissional específica.

Apesar de tudo isto, a revolução tecnológica e digital tornou inevitável a mudança de paradigma e está a arrastar a Arquivística para o campo da Ciência da Informação.

Se pensarmos na noção de "documento" e o ligarmos ao estudo da Arquivística e das Ciências Documentais e os confrontarmos com a noção de "informação". Temos desde logo que, aceitar as consequências que daí advêm, bem como, a alteração profunda do perfil do profissional que exerce a actividade neste campo do saber. O tradicional Arquivista ao serviço da investigação, terá de se assumir como um gestor e estruturador da informação, gerada, usada e acumulada como memória, em qualquer contexto orgânico e funcional.

È indefensável que se saiba que o profissional do séc. XXI precisa de um novo tipo de formação, apoiada em suportes teórico - metodológicos da Ciência da Informação. Este novo

⁵ International Federation of Library Associations and Institutions

⁶ Federação Internacional de Documentação

⁷ Conselho Internacional de Arquivos

modelo necessário para a renovação do perfil deste profissional deverá:

- Combinar um conjunto de disciplinas nucleares da área da Ciência da Informação, de carácter obrigatório, com disciplinas de áreas interdisciplinares (Ciências Sociais e Humanas, Informática, Administração e Gestão), que constituem um complemento indispensável;
- Anular as separações artificiais entre as especializações de Arquivo e Biblioteca/ Documentação, visto que, não há justificação do ponto de vista epistemológico, para a sua separação;
- Fazer uma síntese com a área dos sistemas (tecnológicos) de informação, uma vez que, nos dias de hoje a tecnologia é absolutamente indissociável da informação.

Se o Arquivista for preparado dentro deste molde, será fundamentalmente um profissional da informação, com uma formação de base, suficientemente sólida e abrangente, que lhe vai permitir exercer funções em qualquer contexto orgânico, pois estará devidamente preparado para actuar em qualquer campo no âmbito de Sistemas de Informação organizacionais ou em serviços de Arquivo especializados, porque o seu referencial teórico reporta sempre ao campo do saber, que lhe vai dar a identidade - a Ciência da Informação.

2.3. Evolução da Ciência da Informação e Documentação em Portugal

Desde 1935 a 1981 vigorou em Portugal um paradigma custodial, patrimonialista, historicista e tecnicista, consolidado no séc. XIX, através do curso de Bibliotecário-Arquivista, ministrado como especialização pós-licenciatura

(em princípio, qualquer licenciado poderia candidatar-se a fazer esta formação de dois anos, mas por razões óbvias, predominaram os de História, Românicas e Germânicas), e que a reformulação instituída, a partir de 1982, com os cursos de especialização em Ciências Documentais (primeiramente nas Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa e, em 1985, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto) não alterou quanto à substância, a não ser o desdobramento dos "cadeirões" do velho curso de Coimbra e a criação de umas disciplinas novas (como, por exemplo, Informática para Bibliotecas ou Informática para Arquivos) e a separação formativa de Bibliotecários e Arquivistas. A reforma ocorrida em Portugal leva a que os CECD's⁸ passem a ser leccionados por Arquivistas, Bibliotecários e Documentalistas, colocados como técnicos superiores em Arquivos e Bibliotecas Públicas ou Privadas, não sendo obrigados a actualizarem-se, nem a fazerem pós-graduações, que, aliás, não existiram na área salvo raras excepções - no início dos anos 90 a Universidade de Sheffield do Reino Unido firmou uma parceria com o Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia para a realização do *Máster of Science in Information Management*, a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, seguindo de perto o *Máster* de Sheffield, lançou o Mestrado em Gestão de Informação, convertido, em 2007-2008, em Mestrado em Ciência da Informação e 2º ciclo do projecto formativo conjunto com a FLUP⁹. Em 2001-2002, surgiu o Mestrado em Ciências Documentais da Universidade de Évora; quanto a doutoramentos, sem parte curricular, o primeiro em Ciências Documentais foi iniciado pela FLUP em 1989.

A escassez de oferta em Mestrado e Doutoramento e a fraquíssima procura agravou o deficit de qualificação

⁸ Cursos de Especialização em Ciências Documentais

⁹ Faculdade de Letras da Universidade do Porto

científica dos docentes, de um modelo formativo que não deveria ter-se mantido dominante por tanto tempo. E com a agravante de ter havido, entre 1999 e 2007, um crescimento exponencial de oferta promovida, sobretudo, pelo Ensino Superior Privado.

Para Ribeiro (1998) só no ano lectivo de 2001-2002 se deu a mudança que devia ter ocorrido mais cedo: nesse ano surgiu a Licenciatura em Ciência da Informação, iniciativa conjunta das Faculdades de Letras e de Engenharia da Universidade do Porto e a Licenciatura Bietápica em Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação (bacharelato e licenciatura), da Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão do Instituto Politécnico do Porto. Apesar de simultâneas, são propostas muito diferentes: a LCI¹⁰ da FLUP-FEUP¹¹ inscreveu-se no paradigma pós-custodial, informacional e científico, significando o singular, na expressão Ciência da Informação, a recusa de uma interdisciplinaridade equívoca e frágil em favor de uma transdisciplinaridade que confere consistência e um mínimo de identidade científica à Ciência da Informação; enquanto que a LCTDI¹² resultou da adaptação ao grau de Licenciatura do modelo patente, na estrutura dos CECD's, formatado pelo paradigma, ainda vigente e cada vez mais anacrónico, custodial, patrimonialista, historicista e tecnicista. Este paradigma está presente nas Licenciaturas entretanto surgidas até ao momento, não obstante a pressão positiva que o emergente está a provocar sobre os responsáveis por estes cursos.

Convém ainda sublinhar que o Processo de Bolonha, por si só, não determina a mudança de paradigma em curso. Isto percebe-se pelo caso da LCI da FLUP-FEUP, que resultou de um

¹⁰ Licenciatura em Ciências da Informação

¹¹ Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

¹² Licenciatura em Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação

processo participado e exigente de reflexão epistemológica, decisiva para que a mudança de paradigma seja percebida e impulsionada.

Calisto (2008) reconhece, desde logo, que a investigação em Ciência da Informação/Documentação (CID), em Portugal, é uma realidade relativamente recente, e, embora em acentuado desenvolvimento, apresenta indícios de fragilidade tanto em termos de quantidade como de qualidade, pelo menos quando comparada com outros países. Uma fragilidade para a qual o modelo formativo adoptado e a inexistência de um corpo docente exclusivo, durante décadas, deram o seu indiscutível contributo, como o próprio José António Calixto, a par de outras considerações, não hesita em reconhecer. Através de um inquérito, com considerável número de perguntas abertas e enviadas para as instituições de ensino superior, referenciadas na página da BAD¹³, o autor fez a opção metodológica que considerou mais adequada, tendo em vista a especificidade do caso português, e confrontou-se, também, com uma questão epistemológica central, com que outros autores, anteriormente e em estudos similares, se haviam deparado: distinguir pesquisa, em CID¹⁴, da não-pesquisa e de pesquisas vinculadas a outras áreas científicas; e ainda procurar um certo consenso teórico em torno da expressão Ciência da Informação. Questão central, mas considerada ainda insolúvel, após uma apresentação sistemática e rigorosa dos resultados, analisados através de técnicas estatísticas simples, José António Calixto apresenta, de forma prudente, mas segura, as suas conclusões, destacando que, apesar de o ensino, o estudo e a investigação em CID terem sofrido, nos últimos vinte anos, profundas alterações em Portugal, com um aumento significativo de professores, de alunos e de projectos de investigação, o

¹³ Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

¹⁴ Ciências da Informação e Documentação

processo conducente a um novo paradigma está eivado de muitas contradições. Um processo frágil e controverso resultante, em larga medida, do modelo formativo. O estímulo à investigação e à produção científica, bem como à edição de monografias, revistas e congressos ou encontros e reuniões científicas partiu da BAD e de alguma pontual iniciativa universitária. O número de Mestres e Doutorados mantém-se reduzido, mas agora em acentuada tendência de crescimento porque a oferta nacional, finalmente, se estruturou, levando vários interessados a fazer essas pós-graduações sobretudo em Inglaterra e em Espanha. E, finalmente, uma nota positiva a registar:

As transformações em curso no ensino, com a generalização dos mestrados, são de molde a estimular a investigação, sendo assim de esperar o aumento da quantidade da produção teórica e melhorias substanciais na qualidade da mesma. De um modo geral, o futuro apresenta-se promissor para as diversas actividades e manifestações em CID em Portugal (Calixto, 2008).

Portugal foi um dos países pioneiro no mundo a criar cursos de formação superior na área da Informação/Documentação, essa formação, que seguia o modelo dos cursos ministrados pelas associações e escolas profissionais, isto é, a formação "em serviço". Posteriormente, a Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, criada pelo Decreto de 29 de Dezembro de 1887, instituiu o curso de ensino superior, denominado de bibliotecário-arquivista. A exemplo da Universidade do Porto, outras licenciaturas surgiram em Portugal, e actualmente existem doze instituições que oferecem a licenciatura em CI¹⁵.

A Ciência da Informação em Portugal, assim como em outros países, tem recebido contributos de áreas como as chamadas Ciências Documentais, mais directamente relacionadas com a Biblioteconomia e a Arquivística, a comunicação social, os

¹⁵ Ciências da Informação

sistemas de informação de gestão ou as tecnologias da informação.

O observatório da profissão de Informação-Documentação (OP I-D) é uma estrutura formal que tem como finalidade analisar a evolução da profissão em Portugal, tendo como pilar uma parceria entre as associações profissionais portuguesas da área de Informação-documentação: INCITE¹⁶, BAD¹⁷, APDIS¹⁸ e LIBERPOLIS¹⁹.

Os membros do OP I-D devem assumir o compromisso e a dinâmica de gerir novo conhecimento sobre a profissão. Torna-se fundamental a divulgação e partilha de dados, nomeadamente sobre oportunidades de intervenção e de enquadramento de novas iniciativas. Inferir novos temas para investigar, cruzando os vários dados recolhidos, é uma tarefa urgente, assim como é urgente que se discutam periodicamente os problemas levantados pelos profissionais portugueses, para que esta prática possa vir a ser uma das nossas referências da imagem interna e externa.

A evolução da Ciência da Informação, fez-se, na "linha directa" da Documentação, com a participação assumidíssima dos chamados special librarians e documentalists, com o contributo dos Bibliotecários tradicionais, mas sem o compromisso, ainda que ligeiro, dos Arquivistas e dos "Gestores de Documentos". Foi um caminho, em grande medida, desbravado por praticantes de ofícios relacionados com a Informação, estimulado pelas respectivas associações profissionais e que, aos poucos, foi

¹⁶ A INCITE foi fundada em 1984 com a designação de Associação Portuguesa para o desenvolvimento da Informação Científica e Técnica. Com a revisão recente dos seus Estatutos tomou como nova designação: Associação Portuguesa para a Gestão da Informação

¹⁷ Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas

¹⁸ Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde

¹⁹ Directório de Bibliotecas Portugal

conquistando um espaço nos contextos educacionais e académicos.

Portugal conta, actualmente, na área de Ciência da Informação, entre instituições públicas e privadas, com 44 cursos sendo 12 licenciaturas, 11 em nível de especialização, 16 em nível de mestrado e cinco doutoramentos, é este panorama que nos comprova que a Ciência da Informação é uma Ciência ainda jovem e em formação, que carece de estruturas que promovam o seu desenvolvimento, a sua afirmação e a sua disseminação.

3. Os Arquivos Portugueses

Em Portugal o sistema nacional de Arquivos está estruturado com base em três áreas distintas, sendo elas:

- Arquivo Nacional que preserva e trata os documentos do governo central.
- Arquivos Regionais - departamentais, provinciais, distritais que preservam e tratam os documentos dos níveis intermédios de governo.
- Arquivos Municipais que preservam e tratam a documentação da administração local e são frequentemente supervisionados pelos Arquivos Nacionais.

Os Arquivos podem ainda ser distinguidos no que concerne à sua tipologia, nomeadamente:

Instituições que produzem documentos:

- Arquivos públicos (nacionais, distritais, municipais; notariais, de ministérios, de escolas, de entidades administrativas variadas).
- Arquivos empresariais.
- Arquivos de família ou privados.
- Arquivos eclesiásticos.

Permanência dos documentos:

- Arquivos correntes ou administrativos (asseguram o funcionamento das instituições e a aplicação dos direitos legais e das políticas institucionais e governamentais).
- Arquivos intermédios (contêm documentos que ainda podem ser úteis na vida dos cidadãos e das instituições, e cujo destino final, dependendo do seu valor intrínseco, poderá ser a eliminação ou a passagem para o arquivo histórico).

- Arquivos históricos (contêm a informação indispensável ao reconhecimento da história dos países, possibilitando a compreensão da evolução e dos problemas contemporâneos).

Tipologia dos documentos:

- Arquivos audiovisuais.
- Arquivos fotográficos.
- Arquivos digitais.

3.1. Arquivos Portugueses da Administração Pública

3.1.1. Arquivos Regionais

Nas Regiões Autónomas, os Arquivos com funções similares às dos Distritais dependem dos respectivos Governos através das Secretarias Regionais da Cultura e, no caso da Região Autónoma dos Açores, incluem as respectivas Bibliotecas Públicas.



Ilustração 1: Arquivos Regionais

3.1.2. Arquivos Distritais

Arquivos Distritais de Portugal têm como missão preservar e valorizar o património arquivístico de interesse histórico, apoiar tecnicamente a organização de Arquivos públicos e privados e promover a divulgação cultural e educativa no âmbito dos Arquivos²⁰.

Estes Arquivos albergam obrigatoriamente a documentação proveniente das Conservatórias do Registo Civil com mais de 100 anos, dos Cartórios Notariais com mais de 30 anos, dos Tribunais com mais de 35 anos e após os processos serem dados como concluídos e dos Organismos da Administração central extintos e serviços cessantes.

A documentação custodiada pelos Arquivos Distritais é bastante diversificada, envolvendo organismos representantes da administração central - Governos Cívicos, Repartições de Finanças, Alfândegas, etc. - bem como a produzida pelos antigos conventos e órgãos de administração das dioceses - Cabido, Mitra, Tribunal da Legacia, etc. - cujas datas mais antigas remontam à Idade Média.

Os Arquivos Distritais desenvolvem actualmente estratégias de intervenção activas para a preservação documental de arquivos de famílias, pessoas, empresas, que pelo seu significado cultural e relevância para a compreensão da memória social tenham adquirido o direito de serem conservados definitivamente. Através de simples protocolos, podem receber esses arquivos, em regime de doação ou de depósito - sem perda dos direitos de propriedade para os donos. (Nunes, 2006)

Para além da preservação e valorização do património arquivístico próprio, os Arquivos Distritais desenvolvem

²⁰ Decreto-Lei nº 149/83, de 5 de Abril

actividades de apoio técnico na organização, classificação e descrição de arquivos de organismos públicos e privados. (Wikipédia)

Uma outra área de intervenção é a extensão cultural e educativa, promovendo eventos - exposições, colóquios, etc. - e incentivando o diálogo e a participação de todos os agentes da acção educativa, nomeadamente os estabelecimentos de ensino secundário e superior.

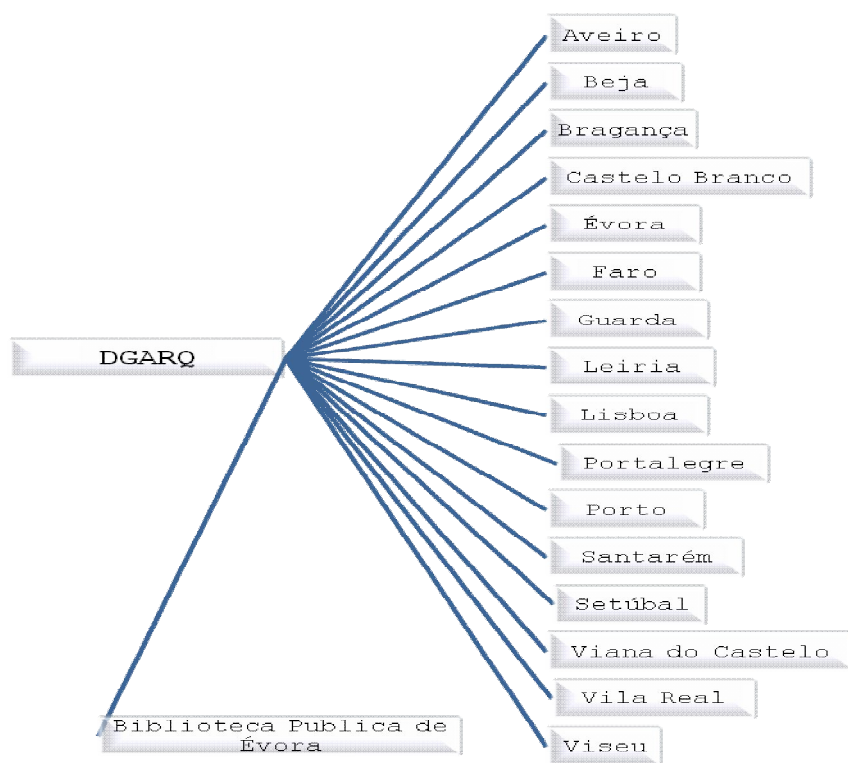


Ilustração 2: Arquivos Distritais

A maior parte dos Arquivos Distritais está sobre a tutela da Direcção-Geral de Arquivos (DGARQ), no entanto alguns Arquivos Distritais estão dependentes das respectivas Universidades, com a excepção da Biblioteca Pública de Évora que reúne importantes colecções Arquivísticas.



Ilustração 3: Arquivos dependentes das Universidades

O Arquivo Municipal de Guimarães acumula as funções de um Arquivo Distrital na área do respectivo Concelho.

3.1.3. Arquivos Municipais

Segundo Oliveira (1996) a Constituição promulgada em 1976 vem trazer ao poder local uma importância que até então não existia. É no seguimento desta constituição que as autarquias locais passam a ser autónomas e conseqüentemente responsáveis pela gestão administrativa, nomeadamente dos Arquivos Municipais dando início á afirmação da sua identidade.

Assim, o primeiro aspecto a ter em consideração era o facto das autarquias locais serem autónomas de administração, não sendo deste modo dependentes do estado. Com esta Constituição da república surgem três níveis de autarquias locais: freguesias, municípios, e outras regiões administrativas. Começa aqui um longo percurso no que diz respeito à gestão administrativa dos municípios e conseqüentemente à gestão dos seus Arquivos.

Os Arquivos Municipais deixam de ser encarados unicamente como unidades administrativas e vêm surgir a concepção de unidades culturais. Acreditamos que é esta vertente que vem possibilitar o desenvolvimento dos Arquivos Municipais, ao

aliar o carácter administrativo ao cultural estamos a criar um serviço passível de ser ampliado a várias áreas, ou seja o Arquivo deixa de ser aquele serviço que guarda a documentação e passa a ser um serviço de divulgação e de referência.

Hoje, dentro dos 308 Arquivos Municipais, já podemos encontrar, em número considerável, aqueles que apresentam um serviço de acesso público considerado bom ou mesmo muito bom, contudo, contrariamente a estes ainda existem câmaras municipais que ainda não têm uma visão do Arquivo como um serviço público de carácter administrativo e cultural.

Ribeiro (1998) descreve que contrariamente aos Arquivos da Administração Central (encontram-se quase todos fora do âmbito da respectiva entidade produtora), os Arquivos Municipais mantêm-se em geral no próprio *habitat* de origem. Existem estudos razoavelmente desenvolvidos e aprofundados sobre alguns Arquivos, enquanto sobre outros os dados informativos são mais escassos ou até se desconhece por completo qualquer informação, por outro lado não existia por parte dos municípios a preocupação de guardar e conservar os seus Arquivos o que levou a que em muitos dos casos estes se tenham perdido definitivamente.

Ainda segundo Ribeiro (1998) é no século XVIII que surgem as primeiras iniciativas tendentes à referenciação do acervo dos Arquivos Municipais, as quais se devem primeiramente à acção da Academia Real da História Portuguesa e, mais tarde, à Academia das Ciências de Lisboa. A intensificação da procura dos Arquivos, em função do valor histórico dos documentos, insere-se num contexto de aumento da curiosidade pelo passado e do racionalismo iluminista. Personalidades como Frei Joaquim de Santo Agostinho ou João Pedro Ribeiro salientam-se entre os que tiveram a incumbência da Academia das Ciências para visitar os Arquivos do Reino e avaliar o seu estado.

Ao longo dos séculos XIX e XX, foram publicados estudos relativos a alguns Arquivos Municipais, contudo foi preciso esperar quase dois séculos sobre os trabalhos da Academia das Ciências para voltarem a surgir obras sobre os Arquivos dos municípios.

A necessidade de inventariar o património arquivístico dos municípios tem sido reconhecida como de importância fundamental, não só por historiadores que carecem de utilizar a documentação nas suas investigações, mas também por Arquivistas que, em congressos e encontros de profissionais, têm apontado a falta de uma fonte de informação global sobre estes Arquivos.

Desde 1995, no âmbito do Programa de Inventariação do Património Cultural Móvel, os Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (hoje Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo) têm vindo a publicar o *Recenseamento dos Arquivos Locais*, em volumes dedicados a cada um dos distritos. Completada a publicação, poderemos, finalmente, dispor de um instrumento que, além de registar a existência dos Arquivos Municipais, constitui também uma forma de acesso à informação que neles se conserva.

3.2. Os Arquivos na era Internet

3.2.1. Breve percurso histórico

O percurso histórico da Internet aqui apresentado, tem a finalidade de enquadramento textual, visto que o objectivo do trabalho não passa por analisar o aparecimento/história da Internet, mas sim, servir de introdução ao ponto fulcral deste estudo - a Web 2.0.

A Internet teve um início bastante humilde, contudo o seu crescimento foi muito rápido, apresentando ao mundo novas formas de comunicar e adquirir novos conhecimentos. (Wikipédia)

A Internet surgiu por vias militares, durante a segunda Guerra Mundial. O governo dos Estados Unidos temia um ataque às suas bases militares por parte da URSS²¹. Perante um possível cenário de ataque foi concebido um modelo de troca e partilha de informações que permitisse a descentralização das mesmas. Tornou-se necessário criar uma rede, a ARPANET, criada pela ARPA, sigla para Advanced Research Projects Agency.

A ARPANET funcionava através de um sistema conhecido como chaveamento de pacotes, tratava-se de um esquema de transmissão de dados em rede de computadores no qual as informações são divididas em pequenos "pacotes", que por sua vez contém excertos dos dados, o endereço do destinatário e informações que permitiam a remontagem da mensagem original.

Na década de setenta este sistema foi dividido em dois grupos, a MILNET²² que possuía as localidades militares e a nova ARPANET, que possuía as localidades não militares.

Na década de oitenta, o interesse pela rede aumenta sendo realizadas novas pesquisas. Em 1989 a contribuição do cientista Sir Tim Berners-Lee do CERN, Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire (Centro Europeu de Pesquisas Nucleares) muda definitivamente a face da Internet, até então uma rede fechada e com uma interface bastante diferente do actual.

Em Agosto de 1991, Berners-Lee publicou seu novo projecto para a World Wide Web, dois anos depois de começar a criar o

²¹União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

²²Military Network

HTML, o HTTP e as poucas primeiras páginas web no CERN, na Suíça. Em 1994 a NCSA²³ lança o primeiro browser para a Web, o navegador X Windows Mosaic 1.0. O lançamento deste browser foi o responsável pela popularização da Internet, que desta maneira passou a fazer parte do dia-a-dia das pessoas.

Em 1996 a palavra Internet já era de uso comum, principalmente nos países desenvolvidos, referindo-se na maioria das vezes a WWW.

Em 1992, o senador Al Gore, já falava na Superhighway of Information. Essa "super-estrada da informação" tinha como unidade básica de funcionamento a troca, partilha e fluxo contínuo de informações pelos quatro cantos do mundo através de uma rede mundial, a Internet.

Tal como na generalidade dos países, foi também na década de 80 que a Internet passou a ser utilizada em Portugal. A princípio, tratava-se apenas de um acesso remoto por terminal (rede telefónica) a computadores de universidades estrangeiras (especialmente na Grã-Bretanha e nos EUA²⁴), por parte de estudantes de pós-graduação que mantinham as suas contas nesses sistemas.

3.2.2. Web 2.0

Para que possamos falar de Web 2.0 é necessário desde já compreendermos o significado do termo.

A Web 2.0 é descrita como tendo surgido nos Estados Unidos da América em 2004 com a empresa O'Reilly Media, tem a Web como plataforma e é a segunda geração de comunidade e

²³ National Center for Supercomputing Applications

²⁴ Estados Unidos América

serviços. Usada pela primeira vez em Outubro de 2004 numa conferência pela O'Reilly Media e pela MediaLive International, tornou-se popular a partir desse dia. (Wikipédia)

A Web 2.0 envolve, redes sociais, tecnologias da informação, usa aplicações baseadas na folksonomia (forma de indexar informações através de *tags*), redes sociais e tecnologia da informação. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à actualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada pelos utilizadores, ou seja, o ambiente de interacção e participação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações.

Segundo Luz (2010) o termo Web 2.0 é utilizado para definir uma nova etapa da World Wide Web, esta nova etapa vem reforçar os conceitos de colaboração entre os utilizadores da Internet e a oferta de serviços on-line, ou seja deixa de existir uma única plataforma e passa a existir um conjunto de aplicações, muitas vezes gratuitas e que funcionam de forma autónoma, mas que podem ser utilizadas em diversos ambientes, como instituições de ensino, empresas e governo.

Para o autor este novo mundo 2.0 é retratado através da informação orgânica, registo da inteligência colectiva, das decisões das pessoas e instituições e do relacionamento profissional entre indivíduos. É a prova da acção humana e o registo das suas actividades nos processos, podendo tecer paralelos com a realidade Arquivística, que numa concepção mais clássica trata o objecto dela mesma como o registo de provas das acções das instituições, é neste prisma que o foco da Arquivística 2.0 deixa de ser as organizações e passa a ser a acção humana.

As novas actividades da geração da informação acabam por gerar novos perfis nos utilizadores, as pessoas passam não só a consumir mas também a produzir informação ao mesmo tempo, esta relação surge entre os que utilizam os recursos da Web 2.0 como o Blogue, Wiki e ambientes de troca de arquivos e de registo do conhecimento como intranets e portais colaborativos. É aqui que o Arquivista 2.0 tem um papel fundamental e deve pensar na classificação e estruturação dessa informação sem descurar a preservação digital, estes profissionais tem de ter a capacidade de conseguir gerir e tratar a informação gerada através destes recursos. Para o autor é este o grande desafio do Arquivista 2.0. De que maneira vai ser analisado um documento em workflow colaborativo? Quem é o autor? Todos os que colaboram de alguma forma na elaboração do conteúdo devem ser considerados autores? E a classificação e a indexação? Estas são apenas algumas das questões colocadas pelo autor, questões estas que nos fazem reflectir e concluir que ainda são inúmeros os desafios que temos pela frente.

Olhando por um outro prisma o Arquivista 2.0 não pode ter medo da tecnologia não é preciso saber de nano tecnologia, mas precisamos saber dominar o vocabulário da área e ainda ter a capacidade de entender as tecnologias da informação. Devemos reflectir sobre o facto de que os documentos nascem, são utilizados e morrem no meio digital contudo não devemos temer os avanços tecnológicos uma vez que estes já fazem parte da realidade dos Arquivistas tornando-se necessário avançar mais um passo relativamente à gestão do conteúdo e do conhecimento.

O autor compara os processos de descrição Arquivística, elaboração de instrumentos de pesquisa e na indexação de Arquivos com os processos de arquitectura da informação, para Luz ao ter de estudar o autor e o publico que acede aos documentos, o Arquivista está a architectar a organização das

informações de um Arquivo uma vez que analisa todas as fontes e os tipos de informação, classificando as que são importantes para os utilizadores, define uma estrutura para arranjar os documentos e a forma de apresentação. No caso dos ambientes digitais os Arquivistas podem analisar os públicos que aderem a esses ambientes de modo a organizar as informações de forma lógica.

"Fica claro que a arquitectura de informação é a representação digital (avatar) da estruturação de um serviço de informações orgânicas (arquivos). O arquivista deve conhecer a arquitectura de informação a ponto de saber usar e explorar as suas possibilidades." (Luz, 2010)

O autor identifica a existência de um ponto de convergência entre a Arquivística e a arquitectura da informação, não apenas quanto ao objecto (informação), mas também quanto à finalidade, que é dar acesso à informação. Ambas procuram a organização das informações para uma futura disponibilização os utilizadores, cada um utilizando as suas ferramentas.

O documento do ponto de vista Arquivístico caracteriza-se pelo registo de informação orgânica, utilizada em tomada de decisão e produzida como resultado das acções de entidades e pessoas, já nos ambientes digitais, as informações produzidas são registadas para divulgação, promoção, exposição e comunicação com determinado público.

3.2.3. Instrumentos de acesso à informação nos Arquivos Portugueses

Pelo facto de vivermos na denominada era da "sociedade da informação", muito em voga nos dias de hoje, o acesso à informação é cada vez mais um aspecto valorizado. Muito embora

não seja novidade pois a procura da informação e a sua disponibilização recue a tempos remotos, o facto é que actualmente não importa apenas ter a informação disponível, importa sim a maneira como podemos aceder à mesma, o utilizador tornou-se "exigente" não importa em que parte do mundo está desde que com um clique consiga visualizar o que pretende. Os instrumentos tradicionais que permitiam esse acesso têm de estar aliados às tecnologias, os Arquivos não podem nem devem deixar de acompanhar esta evolução, e para que isso não aconteça, temos de ser nós (enquanto profissionais da informação) a conseguir que a informação chegue a todo o lado, têm de ser estes profissionais a abrir mentalidades a mudar a maneira como os Arquivos são apresentados à sociedade.

Para Pereira (2005) as aptidões generalistas dos funcionários públicos devem passar por dominar entre outras ferramentas a gestão de bases de dados, o e-mail e a Internet. O e-mail auxilia os serviços a aumentar a velocidade de comunicação e a recepção de dados, diminuindo o trabalho em papel, os custos de telefone e o tempo de processamento de informação, a Internet é também uma ferramenta fundamental para as unidades do sector público interagirem com os cidadãos.

Pereira (2005) diz ainda que apesar de existir uma evolução positiva a utilização de tecnologias e sistemas de informação em Portugal ainda está muito distante face aos países de topo da Europa. A percentagem de utilizadores de computadores pessoais e de Internet apostam, em particular, para a existência de uma grande oportunidade para os serviços públicos: mais de 40% dos portugueses poderiam deixar de se deslocar aos balcões reduzindo os custos unitários por transacção paga pelos serviços e aumentando a satisfação com os serviços públicos.

Para o presente estudo foram considerados como instrumentos de acesso "tradicionais" o inventário, catálogo, catálogo on-line, guia, índices, listas de incorporação e quadros de classificação.

Estes instrumentos correspondem maioritariamente a instrumentos de pesquisa, utilizados nos Arquivos portugueses, cuja finalidade é exactamente a da difusão da informação. Dizemos "tradicionais" face aos instrumentos disponibilizados actualmente pela Web 2.0 e dos quais falaremos mais à frente.

Desde 1980 Ribeiro (1998) identifica 187 instrumentos e também nestes (correspondentes à época de maior desenvolvimento da Arquivística portuguesa) se verifica, com grande expressão, uma deficiente representação da realidade Arquivística.

Apesar de, em muitos casos, ser justificável a inadequada representação da realidade Arquivística que se detecta na grande maioria dos instrumentos publicados, não podemos deixar de acentuar que essas deficiências são também, grandemente, devidas à visão tecnicista que se foi acentuando ao longo de todo este século. A preocupação em "fazer" instrumentos sem uma análise prévia da realidade Arquivística, decorrente da aplicação do método, tem levado a que o acesso à informação seja um fim em si mesmo e não a etapa final de um processo que pressupõe um conhecimento rigoroso do objecto que vai ser formalmente representado num instrumento de acesso à informação.

A mesma autora, Ribeiro (1998), refere que a visão tradicional que se tem dos instrumentos de acesso à informação assenta no pressuposto de os mesmos assumem a forma de produtos impressos, destinados a uma divulgação pública generalizada. Esta realidade, que ainda se mantém como a mais

comum na maior parte dos países, está rapidamente a mudar por força da automatização e das chamadas novas tecnologias da informação. A divulgação da informação Arquivística por via de publicações é cara, morosa e implica canais de difusão eficazes, o que não tem sido a regra dos nossos Arquivos. Hoje em dia, com as facilidades de comunicação de dados, disponíveis a baixo preço por via da Internet, a aposta começa, cada vez mais, a ser nas redes informáticas, em detrimento das tradicionais formas de difusão. Esta revolução nas comunicações tem, naturalmente, os seus efeitos na forma como hoje se concebem os instrumentos de acesso à informação. De facto, o acesso democratizou-se, os interesses dos utilizadores diversificaram-se, graças ao seu aumento considerável, e as possibilidades de pesquisa aumentaram e tornaram-se mais complexas e mais ricas, por efeito das tecnologias.

Um Arquivo novo, nascido numa instituição que tende a dispensar o papel como suporte informativo e a produzir essencialmente documentos electrónicos, naturalmente que também começa a criar, em suporte informático os respectivos instrumentos de acesso. A tendência mais previsível é a de que tais instrumentos vão acompanhando o Arquivo no seu ciclo vital e os dados informativos que os integram possam ser utilizados, e progressivamente acrescentados, com outros que se tornam essenciais em determinadas fases desse mesmo ciclo. Nesta perspectiva, a informação sobre esse Arquivo, que será disponibilizada ao exterior se o mesmo vier a tornar-se um sistema aberto, poderá ter na origem os dados informativos que ao longo dos anos serviram para criar instrumentos de acesso à informação.

Esta visão integrada do Arquivo e da produção de instrumentos de acesso à informação por via informática introduz alterações substanciais, do ponto de vista

operacional, mas, na opinião da autora, não abala minimamente a fundamentação teórica da Arquivística nem põe em causa o modelo de análise que anteriormente defendido. Pelo contrário, confere maior consistência à teoria porque a valida em circunstâncias novas. (Ribeiro, 1998)

3.2.4. Recursos da web 2.0 utilizados nos Arquivos

Para que se possa compreender a utilidade e as vantagens que a Web 2.0 pode trazer aos Arquivos começamos por diferenciar as principais mudanças da Web 1.0 para a Web 2.0.

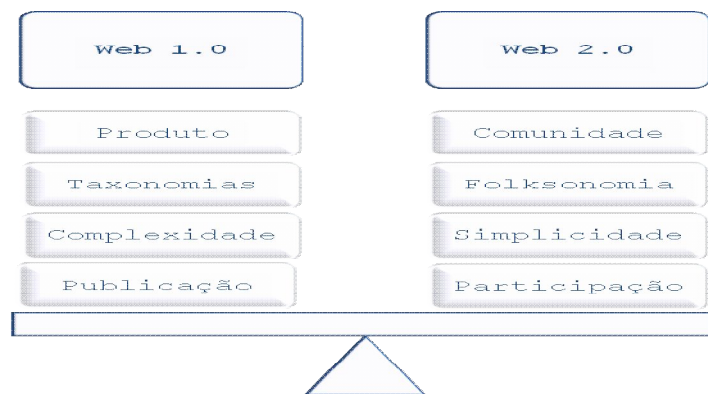


Ilustração 4: Web 1.0 X Web 2.0

Na nossa perspectiva é importante que os Arquivos Portugueses desenvolvam uma maneira de se expressarem, de forma a dar a conhecer a realidade do Arquivo, mostrarem aos utilizadores o que estes possuem em sua guarda, possibilitar a consulta dos seus fundos, partilhar conhecimento e experiências. Para tal é necessário que os Arquivos criem o seu Site, Blogue ou rede social que permita dar a conhecer o mundo dos Arquivos, de modo partilhar experiências,

conhecimento e o mais importante melhorar o seu desempenho e serviços prestados.

Os Arquivos seriam mais valorizados e procurados se existisse uma maior divulgação, a dinamização dos recursos disponibilizados pela Web 2.0 como Blogues, Wikis, participação em redes sociais, Flirckr entre muitos outros são um bom meio de transmissão de informação, ideias e opiniões, seria necessário que os Arquivos utilizassem estes recursos de maneira a dinamizar os seus serviços e acervos documentais, permitindo, debates, troca de ideias, experiências, seria uma mais-valia para o Arquivo e funcionários do mesmo.

Os recursos disponibilizados pela Web 2.0 podem de certa forma colmatar as necessidades dos Arquivos, devido às dificuldades financeiras que o país atravessa, cabe aos Arquivistas procurarem recursos gratuitos. As dificuldades muitas vezes sentidas não são unicamente responsabilidade dos superiores, é nossa responsabilidade tentar contornar essas situações. Porque não sermos nós a construir um Site? O Webnode é um recurso de construção de Sites grátis e de muito fácil acesso à semelhança de outras disponibilizadas na Web. Porque não usar o Flirckr para difundir o espólio fotográfico? Este recurso já é utilizado por algumas instituições, nomeadamente, a Gulbenkian onde os resultados da sua utilização mostraram resultados incríveis.

O Blogue é outra das potencialidades da Web 2.0, neste caso a utilização deste recurso por parte dos Arquivos portugueses está a aumentar, podemos mesmo verificar que existem Blogues dedicados exclusivamente à Arquivística, bem como Blogues que mostram o trabalho desenvolvido no Arquivo.

Se por um lado a Web 2.0 nos fornece recursos que nos podem ajudar a difundir a informação por outro lado também nos

fornece um conjunto de recursos que nos podem ajudar no trabalho interno da instituição ou organismo.

Em Portugal ainda são muito escassos os recursos da Web 2.0 utilizados em prol da divulgação ou do trabalho no dia-a-dia de um Arquivista, contudo consideramos que a situação actual poderá ser facilmente alterada, basta que para isso estes profissionais tenham conhecimento das potencialidades destes recursos e formação adequada.

4. Metodologia de investigação

4.1. Objectivos

Reflectir sobre o papel dos Arquivos Portugueses na sociedade da informação, bem como identificar quais os recursos da Web 2.0 utilizados para divulgar e interagir com o seu público, são os objectivos centrais desta investigação.

4.2. Incidência do estudo

Inicialmente estava previsto que o estudo abrangesse todos os Arquivos Portugueses, o objectivo era comparar de que forma são utilizados os recursos da Web 2.0 entre os diferentes tipos de Arquivo (Arquivos Municipais, Arquivos Distritais e Arquivos Regionais). Devido à escassez de respostas, por parte dos Arquivos Distritais e Regionais, optamos por fazer incidir o estudo nos Arquivos Municipais.

O foco deste estudo é, analisar os moldes em que os Arquivos Municipais desenvolvem as suas actividades e principalmente, se utilizam ou não os recursos disponibilizados pela Web 2.0.

4.3. Estudo de caso

Tendo em consideração as características do estudo que se pretende realizar, a opção metodológica centra-se numa abordagem quantitativa (recursos da Web 2.0 utilizados nos Arquivos Municipais), baseada num estudo de caso. Neste estudo, é verdade que a pesquisa efectuada não incidiu especificamente e apenas numa única entidade pública, organização, instituição ou associação de qualquer tipo ou natureza, a que se possa chamar genericamente de "um caso". Contudo, foi, de certa forma, direccionada para um conjunto - tipo de entidades (os Arquivos Municipais), sendo, por esta interpretação, considerada como aceitável a denominação de "estudo de caso", ou seja, o caso dos Arquivos Municipais.

Neste estudo foi utilizado o estudo de caso colectivo. De acordo com Stake (1994), o estudo de caso colectivo não é o estudo de um caso, mas um estudo experimental estendido a vários casos, que podem ou não ser conhecidos anteriormente como manifestando uma característica comum. Este autor afirma que os casos podem ser semelhantes ou dissemelhantes, tendo voz tanto a redundância quanto a variedade. Desta forma, este método exige que os casos sejam escolhidos, sendo que o equilíbrio e a variedade das características dos mesmos são critérios importantes para a escolha. (Stake, 1994)

4.4. Inquérito

Foi elaborado e enviado, através do Google Docs, um inquérito a todos os Arquivos Municipais (308), Distritais (18) e Regionais (dois).

Optou-se pelo envio de questionários constituídos preferencialmente por questões fechadas, tendo, no entanto, algumas questões de natureza aberta.

Sobre o tipo de questões colocadas procurou-se ter em atenção que as questões de tipo fechadas ou dicotómicas têm a vantagem de:

- a) Rapidez e facilidade de aplicação, processo e análise;
- b) Facilidade e rapidez no acto de responder;
- c) Menor risco de parcialidade no momento de avaliação;
- d) Reduzida possibilidade de erros;
- e) Elevada objectividade.

Sobre a estrutura dos questionários, ou seja, sobre a sequência das questões, Mattar (1994), recomenda que se devem "usar questões gerais no início do questionário, deixando as específicas para depois, fechando, desta forma, o foco gradualmente".

Tendo em conta esta recomendação, as primeiras questões colocadas no ponto um, dois, três, quatro e cinco têm como objectivo identificar a tipologia de Arquivos, o modo como estão estruturados e como desenvolvem as suas actividades, o ponto seis tem como objectivo verificar/analisar a utilização ou não dos recursos disponibilizados pela Web 2.0.

5. Análise e discussão dos dados

5.1. Análise descritiva geral

Para que os dados apresentados neste estudo fossem o mais conclusivo possível foram enviados inquéritos a 308 Arquivos Municipais, 18 Distritais e dois Regionais. As questões apresentadas procuravam identificar a tipologia do Arquivo, os meios humanos e materiais, bem como os meios utilizados na divulgação da informação. De modo a simplificar a obtenção destes dados, o inquérito foi elaborado e enviado através do Google Docs, um recurso de fácil acesso, gratuito e que nos permitiria obter um resumo imediato dos dados que nos fossem sendo remetidos, o facto é que os números ficaram muito além do esperado, como se pode verificar no gráfico um.

5.2. Identificação e enquadramento orgânico-funcional

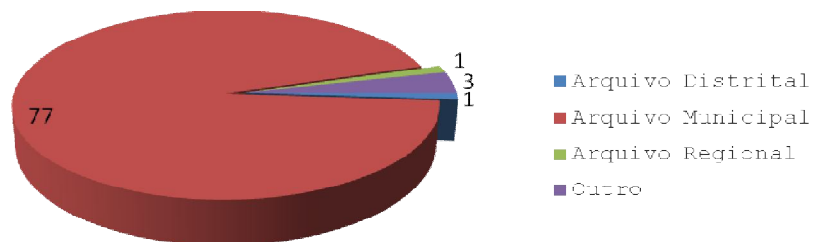


Gráfico 1: Identificação da Tipologia do Arquivo

As respostas obtidas foram as seguintes: Arquivos Regionais: uma resposta, Arquivos Distritais: uma resposta e Arquivos Municipais: setenta e sete respostas. Um dos aspectos que consideramos curioso foi o facto de na escolha da tipologia do Arquivo "outro" ter havido três respostas, sendo

que as três diziam respeito a Arquivos Municipais, a única justificação que nos parece coerente para esta escolha é a falta de atenção/compreensão da questão.

A grande maioria das respostas obtidas, senão praticamente todas, advém de Arquivos Municipais logo este estudo vai reflectir e analisar a realidade dos Arquivos Municipais.

A amostra (77 respostas) face aos 308 Arquivos Municipais existentes em Portugal é por nós considerada pequena, já para não falar dos Arquivos Distritais, aonde apenas se obtém uma resposta, mas é uma contingência do processo de recolha de dados dependente de terceiros e com limites de tempo óbvios.

Os Arquivos podem ser unidades culturais e interactivas?

Consideramos que a resposta à questão acima colocada passa por uma maior qualificação profissional, muito embora, também consideremos que este quadro está a mudar podendo esta mudança ser verificada nos congressos nacionais da BAD, nas jornadas e nos encontros nacionais dos Arquivos Municipais.

Na análise dos dados, foi ainda constatado que a maioria dos Arquivos está sob alçada das áreas administrativas.

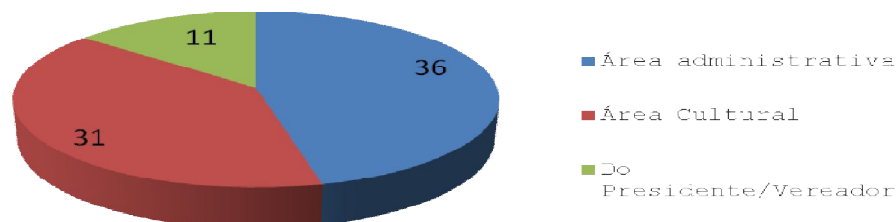


Gráfico 2: Dependência orgânico-funcional do Arquivo

Os números foram surpreendentes, os Arquivos sempre estiveram a par com as Bibliotecas ligados à divisão cultural. Na verdade já se começa a verificar que em algumas autarquias os Arquivos passam a ser "autónomos" ou seja o Arquivo em si forma uma divisão estando unicamente dependente do executivo municipal. Parece-nos que tem vindo a crescer o número de Arquivos que passam da tutela da divisão de cultura para a tutela da divisão administrativa, este facto pode estar ligado à crescente importância que os Arquivos estão a ter para o tratamento da gestão documental, não queremos com isso dizer que estando na divisão de cultura isso não seja possível, o que nos parece é que o Arquivo está a deixar de ser visto como sendo unicamente "Arquivo histórico", ou seja, a gestão e tratamento de toda documentação produzida pelas autarquias passa a estar sob a responsabilidade do Arquivo, desde a documentação histórica à corrente.

Se os Arquivos forem vistos como unidades que tratam unicamente documentação produzida pelas autarquias, então faz sentido que esteja na divisão administrativa. Por outro lado, se é objectivo dos Arquivos serem polivalentes, serem considerados espaços culturais abertos ao público onde se procura realizar e dinamizar tarefas culturais de modo a fomentar o crescimento do conhecimento, então faria todo o sentido que estivessem ligados à divisão cultural.

Consideramos que independentemente da divisão a que os Arquivos estão afectos o que realmente importa é o trabalho que estes desenvolvem.

5.3. Características físicas

Quando questionados sobre as instalações do Arquivo a maioria dos inquiridos responde que as instalações resultam da adaptação de edifícios já existentes.

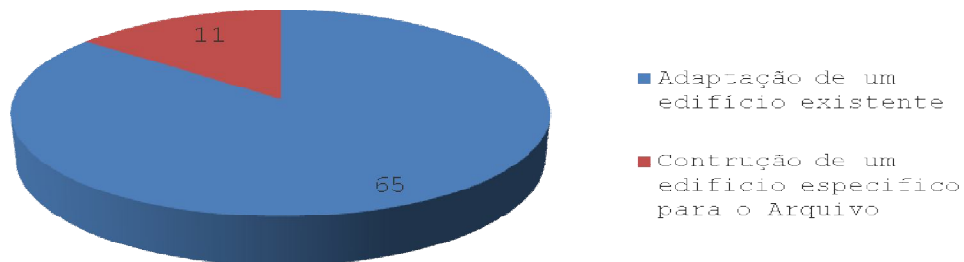


Gráfico 3: Espaço físico do Arquivo

Quando questionados se a construção/reconstrução do Arquivo foi alvo de algum apoio financeiro a maioria respondeu não e aqueles que responderam sim indicaram que esse apoio tinha sido o PARAM.

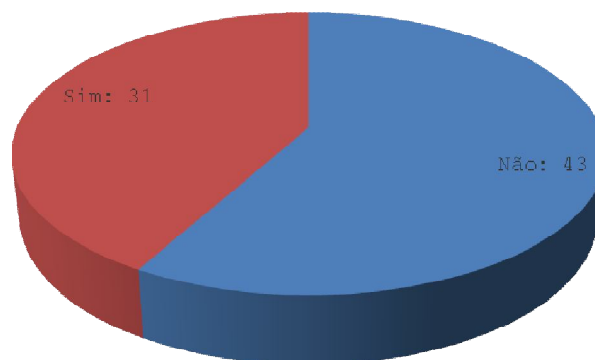


Gráfico 4: Arquivos que foram alvo de apoios na construção/reconstrução

Dos Arquivos inquiridos apenas 44 afirmam que as instalações são exclusivas do Arquivo, como se pode verificar no gráfico cinco.

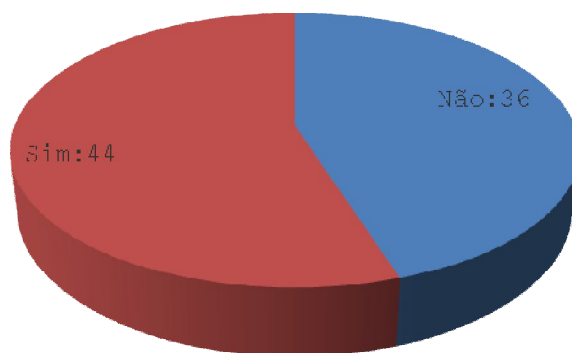


Gráfico 5: Edifícios exclusivos para Arquivo

5.4. Meios humanos

Segundo Peixoto (2002) no final do primeiro trimestre de 2000 os Arquivos Portugueses, no que concerne aos seus recursos humanos, apresentava a seguinte realidade: em 245 dos 308 municípios estavam ocupados 38 dos 80 lugares de técnico superior e 137 dos 266 criados de técnico profissional ligados à área de arquivo, o autor refere ainda estes lugares como ligados e não como sendo específicos da área de Arquivo, dado que é muito menos a percentagem de técnicos superiores de Arquivo e substancialmente reduzida a de técnicos profissionais de arquivo nos municípios.

Aquando da análise do gráfico seis (habilitações literárias dos funcionários dos Arquivos Municipais), podemos constatar que, o número de técnicos superiores de Arquivo é bastante significativo, o que demonstra uma clara mudança de atitude perante a importância de formação adequada por parte de quem trabalha nesta área.

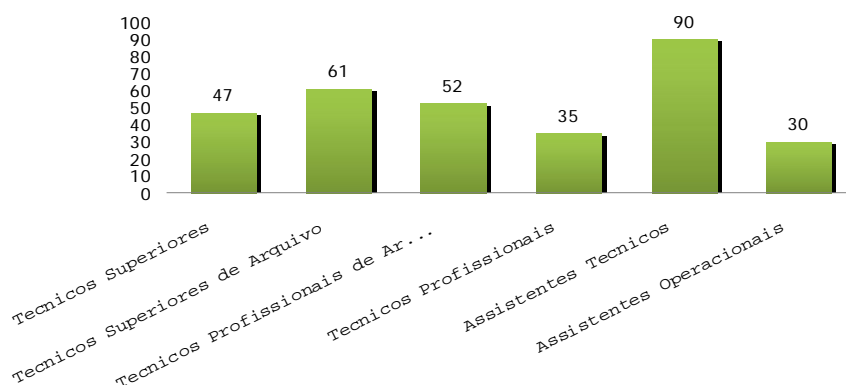


Gráfico 6: Habilitações Literárias dos funcionários dos Arquivos Municipais

5.5. Serviços Prestados

A documentação depositada nos Arquivos Municipais é maioritariamente administrativa, produzida pelos próprios serviços, das respostas obtidas podemos ainda observar que na maioria dos casos existem transferências regulares de documentação para o Arquivo intermédio e definitivo.

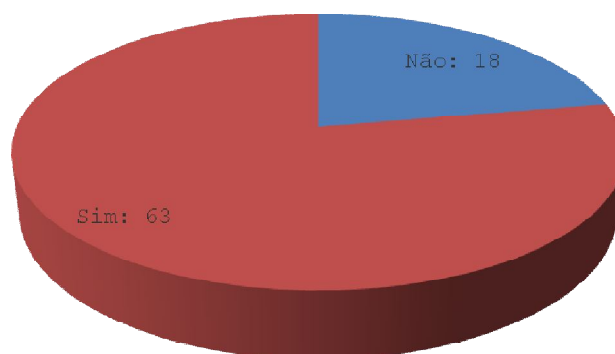


Gráfico 7: Transferências regulares e sistemáticas para arquivo intermédio e/ou definitivo.

Quando questionados relativamente à frequência com que recebem documentação do exterior, ver gráfico oito, os valores andam próximos, 18 Arquivos responderam que recebem documentação ocasional (anual) e 22 afirmam que não recebem qualquer tipo de documentação exterior. São estes 22 Arquivos que queremos destacar, em muitos casos os Arquivos não têm meios materiais e humanos qualificados para desenvolver um trabalho de referência, contudo, consideramos que quem trabalha nesta área tem de ter a sensibilidade e não ficar à espera que alguém lhe venha depositar documentação no Arquivo. É imprescindível ir para o terreno, podemos por exemplo: tentar junto da população recolher fotografias antigas e/ou outros documentos que possam ter interesse e com isto sensibilizar as pessoas a efectuar doações ao Arquivo. Muitas das vezes poderíamos ter fundos locais mais ricos, mas para isso teríamos que ser nós, os profissionais da informação, a criar hábitos nas pessoas, só assim poderíamos ter espólios mais ricos culturalmente e localmente. Quando nos referimos à recolha de documentação não nos cingimos a documentos em suporte papel, podemos criar um arquivo áudio como, por exemplo: tradições antigas contadas pelos mais velhos. Existe um exponencial enorme de registos, nos mais diversos suportes, que pode ser recolhido, tratado, salvaguardado e preservado pelo Arquivo.

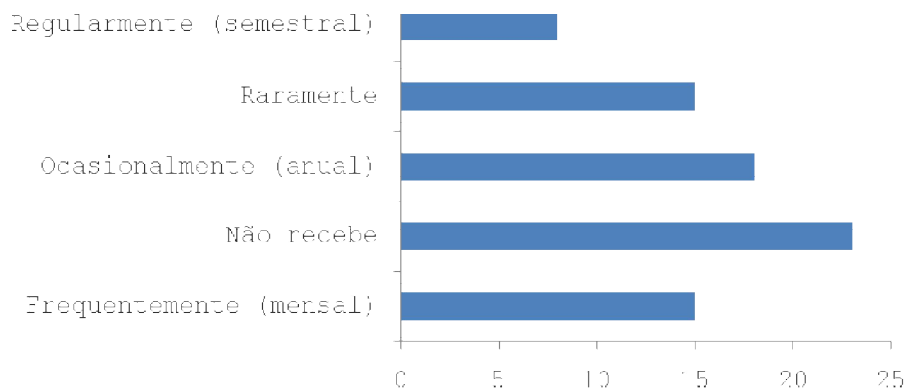


Gráfico 8: Frequência com que os Arquivos recebem documentação do exterior.

Na questão referente à abertura do Arquivo ao público podemos verificar, gráfico nove, que 14 Arquivos estão fechados ao público. E considerando que os Arquivos devem ser serviços públicos, disponíveis para a população, não se compreende muito bem que ainda existam este tipo de situações.

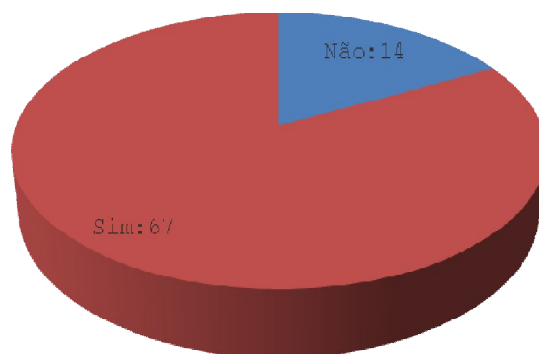


Gráfico 9: Abertura das instalações ao público

Outro ponto analisado foi o tipo de actividades de carácter pedagógico, cultural, científico ou sociais desenvolvidas pelos Arquivos, o gráfico 10 mostra-nos claramente que a maioria dos Arquivos desenvolve quase todas as actividades mencionadas, o que demonstra que cada vez mais existe uma preocupação constante na divulgação da informação.



Gráfico 10: Actividades desenvolvidas nos Arquivos

Contudo não podemos deixar de referir que 16 Arquivos não desenvolvem qualquer actividade o que nos deve levar a uma reflexão sobre o papel destas instituições e o porquê de não serem desenvolvidas actividades que ajudem a projectar os referidos Arquivos, principalmente quando podemos constatar, ver gráfico 11, que na maioria dos Arquivos os utilizadores recorrem a estes serviços diariamente.

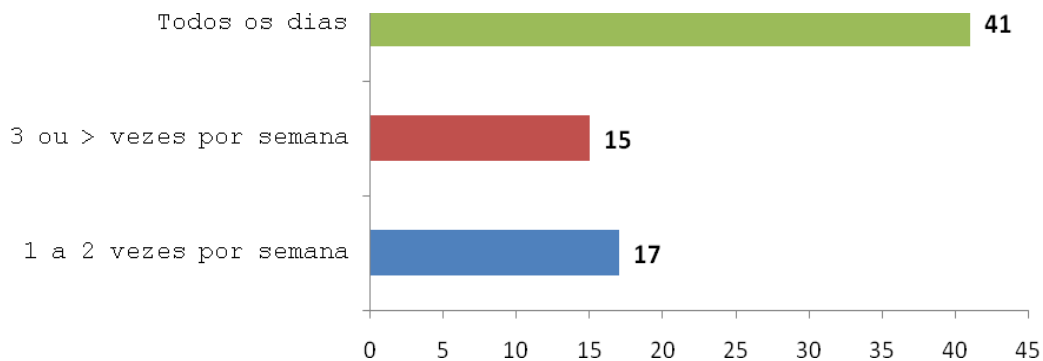


Gráfico 11: Frequência com que os utilizadores recorrem ao serviço de Arquivo

Os utilizadores recorrem aos serviços de Arquivo principalmente para efectuar estudo/pesquisa de informação. Todavia se analisarmos os três parâmetros estabelecidos no gráfico 12 verificamos que existe um grande número de utilizadores que procuram estes serviços para requisitar documentos e ainda mais importante, do nosso ponto de vista, para realizar pesquisas bibliográficas o que leva a que o Arquivo deixe de ser apenas um local de consulta/estudo de documentação e passe a ser encarado como um serviço de referência aos seus utilizadores.

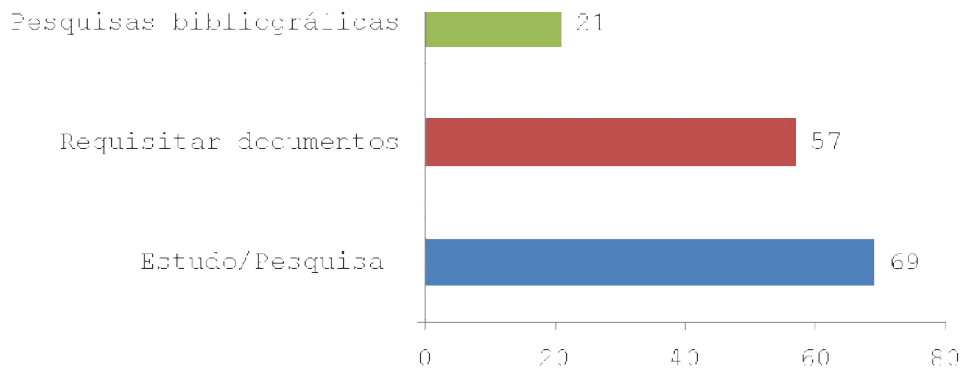


Gráfico 12: Finalidade com que os utilizadores recorrem ao Arquivo

Para que a pesquisa/recuperação da informação seja eficaz é necessário que os Arquivos estejam dotados de recursos próprios. Neste aspecto consideramos que os recursos disponibilizados actualmente na maioria dos Arquivos ainda estão aquém do desejado. E se é verdade que em todos os Arquivos dominam os inventários e os quadros de classificação entre outros, também é verdade que ainda são muito poucos os que têm inventários on-line. Se encararmos esta era como sendo a era digital, os inventários on-line são imprescindíveis. Podemos mesmo afirmar que todos os Arquivos que não se encontrem on-line serão Arquivos obsoletos e, conseqüentemente, excluídos da sociedade.

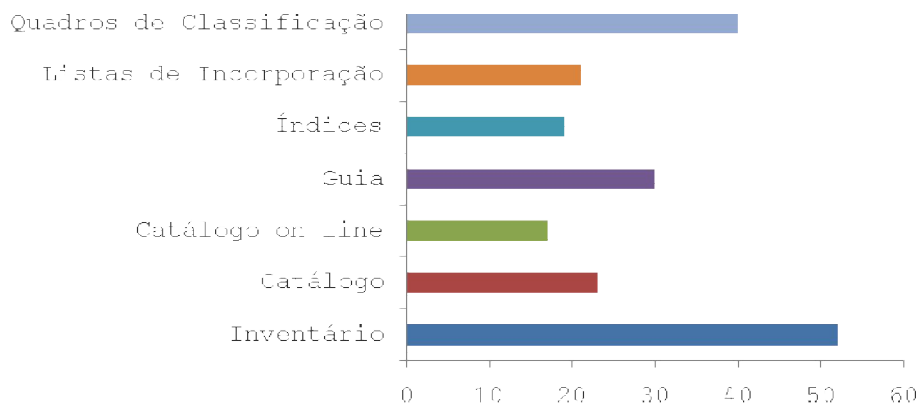


Gráfico 13: Instrumentos de pesquisa

5.6. Arquivos e tecnologias da informação

A questão fulcral deste estudo está sem dúvida relacionada com a importância que os profissionais que trabalham no Arquivo dão às tecnologias da informação, neste caso em concreto, aos recursos disponibilizados pela Web 2.0.

Os dados apresentados, gráfico 14, demonstram claramente que os profissionais da área dos Arquivos consideram as tecnologias da informação muito importantes.

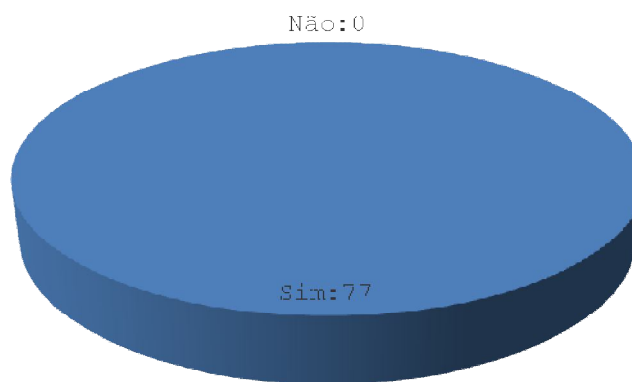


Gráfico 14: Importância atribuída às tecnologias da informação

Quando questionados se, o Arquivo estava a adoptar novas tecnologias, a maioria não hesitou em responder que sim, que o Arquivo está a adoptar as tecnologias da informação, estes dados podem ser verificados no gráfico 15.

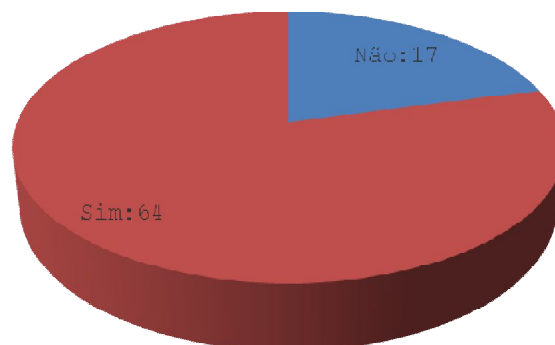


Gráfico 15: Adopção de novas tecnologias por parte dos Arquivos

À questão da utilização dos recursos da Web 2.0, 46 Arquivos responderam que não utilizavam estes recursos, ver gráfico 16.

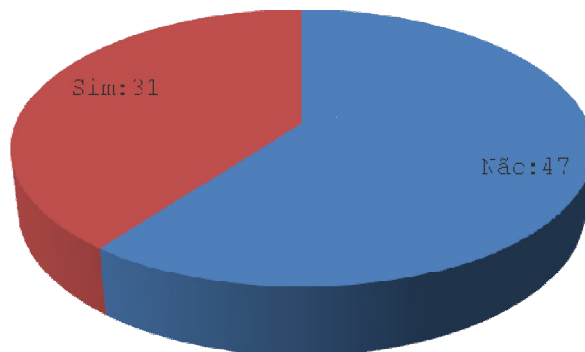


Gráfico 16: Utilização dos recursos da Web 2.0

5.7. Utilização da Web 2.0 na divulgação dos Arquivos

Na análise das aplicações, tecnologias e produtos utilizados para divulgar o Arquivo, verificamos que das onze hipóteses apresentadas, gráfico 17, o Site é o recurso mais usado, sendo utilizado por 44 Arquivos como meio de divulgação.

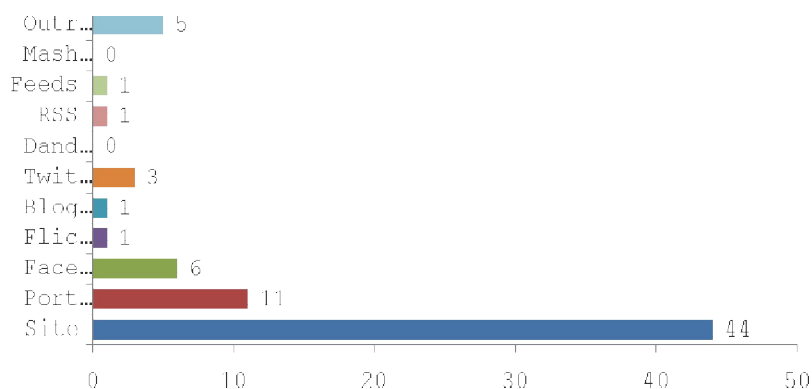


Gráfico 17: Recursos da Web 2.0 utilizados para divulgar o Arquivo

No gráfico 17 podemos observar que, das 73 respostas obtidas, 44 Arquivos utilizam o Site e os restantes 29 Arquivos utilizam outras aplicações, tecnologias e produtos o que perfaz um total de 73 respostas, cinco Arquivos não responderam a esta questão.

Se conjugarmos os dados analisados nos gráficos 16 e 17, verificamos que alguma coisa não está correcta. Os números apresentados deixaram-nos intrigados, ora, se 46 dos Arquivos nos dizem que não utilizam recursos da Web 2.0 como é possível que 73 Arquivos nos indiquem com precisão os recursos que utilizam para divulgação do Arquivo?

Os dados acima referenciados deixaram-nos a confirmação da falta de conhecimento por parte da maioria dos inquiridos. Pensamos que existe um grande desconhecimento no que respeita aos recursos da Web 2.0, o que leva à problemática falta de formação. Essa formação é imprescindível para o desenvolvimento nesta área.

De todas as hipóteses apresentadas no gráfico 17, optamos por tentar descrever as potencialidades dos recursos menos utilizados. Esta decisão deve-se ao facto de considerarmos que talvez sejam menos utilizados por falta de conhecimento.

Considerado um dos componentes da Web 2.0, o Flickr que não mais é do que um Site da Web que hospeda e partilha imagens, desenhos, ilustrações e fotografias, a sua maior potencialidade está no facto de podermos criar álbuns que podem ser vistos e comentados em todo o mundo.

Esta aplicação, é por muitos considerado o melhor aplicativo on-line de gestão e partilha de fotos do mundo, os seus dados são organizados a partir de tags, o que permite uma

maior facilidade em encontrar/recuperar a informação pretendida, por outro lado, permite a privacidade para compartilhar as fotos sendo que o utilizador, para cada uma das suas fotos, pode definir o nível de privacidade, determinando quem pode ver as suas imagens. O Flickr oferece ainda um serviço de estatística que nos permite saber de que modo os utilizadores chegaram às nossas fotografias, quais foram as palavras pesquisadas, as visualizações de cada foto, etc.

No Arquivo, podemos utilizar esta aplicação para criar álbuns de fotografias, muitos são os Arquivos que têm fotografias antigas não identificadas, se colocarmos estas fotografias disponíveis on-line, em vez de serem apenas os funcionários do Arquivo a tentarem identificar e seu conteúdo, serão inúmeras as pessoas que poderão ajudar nessa identificação, os dados obtidos poderão ser valiosos aquando do tratamento das mesmas.

A título de exemplo do trabalho que pode ser desenvolvido através desta aplicação sugerimos uma visita à Galeria de Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian <http://www.flickr.com/photos/biblarte> , considerada por nós um dos melhores exemplos. Este projecto foi apresentado no 10º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas e foi surpreendente poder observar os resultados apresentados, fotografias que não tinham qualquer tipo de identificação depois de publicadas conseguiu-se obter não só a identificação geral da imagem como também pormenores impensáveis de serem identificados.

No Flickr os utilizadores podem aderir a grupos cujos interesses sejam comuns, sendo que, estes grupos podem ser públicos ou privados permitindo aos seus utilizadores um nível elevado de interactividade.

O Blogue pode ser considerado como um diário na Web que contém apontadores para outros Sites, a informação aparece organizada desde a mais recente para a mais antiga (Post), normalmente actualizada com opiniões, factos, imagens, etc.

Para Orihuela & Santos (2004) são três as principais vantagens na utilização dos Blogues, a primeira prende-se com a facilidade de criação e o manuseamento das ferramentas de publicação, a segunda relaciona-se com o facto de a ferramenta disponibilizar interfaces que permitem ao utilizador centrar-se no conteúdo e por fim a terceira devido à existência de funcionalidades como comentários, arquivo, entre outros.

Apesar de apenas uma instituição ter referido utilizar o Blogue como meio de divulgação, a verdade é que no decorrer deste estudo e aquando das pesquisas efectuadas na Internet, foram vários os Blogues encontrados relacionados com a Arquivística, considerando o conteúdo desses Blogues bastante pertinente e actualizado, pensamos que seria de todo o interesse que existissem mais Blogues institucionais com os conteúdos apresentados em Blogues criados por particulares, seria uma mais-valia muito grande para a imagem do Arquivo.

O Blogue, <http://diariodearquivistas.blogspot.com> além de informação com bastante interesse para os profissionais da área, tem ainda hiperligações que nos remetem para outros Blogues nacionais e internacionais alusivos à Arquivística.

De acordo com Martins (2008) com o passar dos anos, as memórias misturam-se na nossa mente o que leva a que por vezes possamos confundir quando é um facto aconteceu. Os tempos mudaram, as nossas exigências também, pelo que, actualmente, podemos gratuitamente registar esses dados ao construir uma verdadeira linha do tempo com ajuda de recursos disponibilizados na Web, estamos a falar concretamente do

Dandelife, este recurso permite que em cada data, além de ser possível inserir um texto para narrar determinado facto, podemos inserir imagens do Flickr, vídeos do YouTube e áudio para registar esse momento. Aliado a estes aspectos está o facto de podermos partilhar essas informações com o mundo.

O Dandelife é um recurso gratuito que pode ser útil nos Arquivos, através deste podemos criar barras cronológicas por exemplo sobre os acontecimentos históricos mais marcantes na sua região de modo a que os utilizadores possam comentar as datas/acontecimentos ou acrescentarem outras datas que consideram significativamente importantes, imaginem agora a informação que podemos arrecadar para enriquecer a história da nossa localidade.

O RSS "Really Simple Syndication", é uma forma de facilitar o acesso a uma grande quantidade de informações, consiste numa maneira fácil de saber se existem notícias novas sem ter que aceder ao Site, é a melhor forma de obter e seleccionar informações com rapidez e eficiência.

Podemos subscrever RSS feeds de Sites que consideremos pertinentes e associa-los ao Site do Arquivo, deste modo, os utilizadores terão acesso a uma maior quantidade de informação sem perder tempo na procura de outros Sites.

O Mashup é uma tecnologia Web que usa conteúdo de mais de uma fonte para criar um novo serviço mais completo. Como outro software social, os Mashups são completamente livres e acessíveis.

Dentro do espírito da Web 2.0, os Mashups podem ser comentados, classificados, partilhados, "remisturados" e reeditados pela comunidade.

Além disso, podem ser incorporados no Windows Live Spaces, no Facebook, no Flickr, etc., enviados por e-mail ou até exportados como Gadgets para a barra lateral do Windows Vista.

Entre outros que existem indicamos o PopFly, criado pela Microsoft é totalmente gratuito, desenvolve Mashups, Gadgets, Web Pages e aplicações. Através de uma agradável, intuitiva e simples interface gráfica, é possível combinar diversos tipos de aplicações e serviços Web num único produto.

5.8. Aplicação dos recursos da Web 2.0 no trabalho dos Arquivistas

Relativamente às aplicações, tecnologias e produtos da Web 2.0 utilizados como complementos de ajuda ao trabalho desenvolvido no Arquivo, das 10 hipóteses colocadas a que mais sobressaiu foi a utilização do Google Docs.

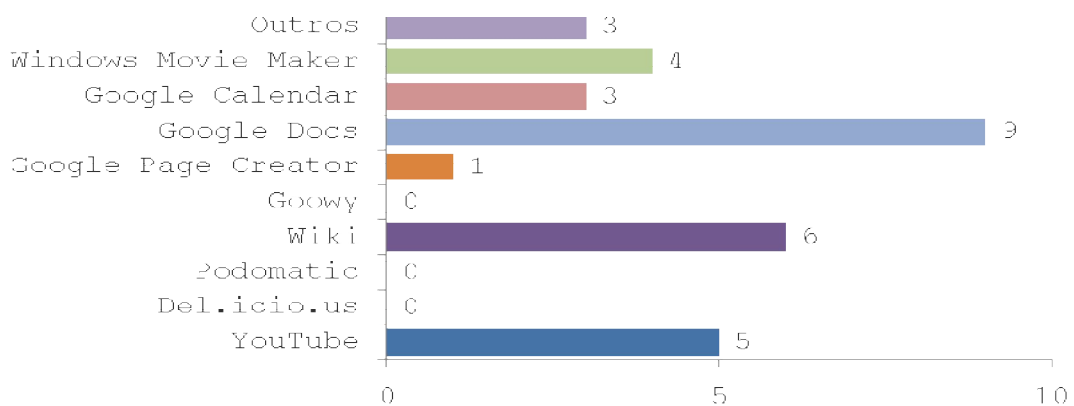


Gráfico 18: Recursos da Web 2.0 utilizados como complementos de ajuda ao trabalho desenvolvido no Arquivo

O Google Docs é realmente um excelente recurso, aliás foi a este recurso que recorreremos para formular o inquérito enviado aos Arquivos.

Entre outros aspectos o Google Docs tem as seguintes funcionalidades:

- ✓ Permite mobilidade ao trabalhar com documentos e informações;
- ✓ Permite armazenamento dos documentos mais importantes na Internet;
- ✓ Está tudo disponível on-line, através da mesma conta utilizada pelos outros serviços Google (como o Gmail, Orkut, iGoogle);
- ✓ Não necessita de instalação nem de descarregar nada, porque tudo se processa numa conta virtual;
- ✓ Os documentos e as informações não ocupam espaço no disco do computador nem necessita de pendrive;
- ✓ Todos os arquivos criados neste serviço podem ser partilhados rapidamente, permitindo a edição do mesmo documento por mais do que um utilizador.

Este recurso pode, por exemplo, ser utilizado para mandar inquéritos de satisfação aos utilizadores do Arquivo.

O segundo recurso mais utilizado foi a Wiki. As Wikis são softwares colaborativos que permitem a edição de documentos de forma colaborativa, podendo ainda facilmente publicar e partilhar conteúdos na Web. A sua estrutura pode ser comparada à de um Blogue, contudo, tem a mais-valia de se poder modificar, agregar, suprimir, corrigir erros e complementar ou simplesmente inserir novas informações.

As possibilidades que uma Wiki permite são inúmeras e as suas aplicações podem percorrer todas as áreas da sociedade.

No que respeita aos Arquivos, indicamos por exemplo a Rede de Arquivos do Algarve <http://raalg.wikidot.com>, esta Wiki permite-nos com toda a facilidade aceder a conteúdos

centralizados sobre estas instituições, além da divulgação que esta permite, para nós o mais importante é ter um local virtual onde possamos depositar informação e conhecimentos, trocar ideias e experiências. Além de tudo isto permite ainda uma unificação entre os profissionais da área.

Em terceiro lugar surge o YouTube. Este recurso permite que os Arquivos Municipais disponibilizem na Web os seus vídeos, que por sua vez ao poderem ser vistos e comentados resultarão numa maior partilha e recolha de informação sobre o conteúdo publicado.

O Windows Movie Maker foi o quarto recurso mais votado, este recurso aplicado ao trabalho de Arquivo pode dar uma nova dinâmica aos documentos estáticos. Por exemplo: podemos pegar numa colecção de fotografias e a partir delas fazer um vídeo, este pode ser complementado com sons, efeitos e até mesmo adicionar títulos e fichas gráficas, após este tratamento podemos publicar o vídeo, agora imaginem a diferença entre visualizar um conjunto de fotografias normais e visualizar essas mesmas imagens com uma música de fundo e com a descrição das mesmas, e porque não criar uma história por detrás tornando deste modo a sua visualização muito mais atractiva e agradável.

Em quinto lugar surge o Google Calendar, este possibilita uma maior organização pessoal ou institucional que permite ao utilizador fazer a gestão on-line de eventos.

O Arquivista pode partilhar este recurso com os colegas de trabalho ou torna-lo público. Estes profissionais podem ainda determinar qual a informação que querem partilhar e com quem a partilhar.

Por último aparece o Google Page Creator, este recurso é o ideal para aquelas instituições que não têm possibilidades de

ter um Site "pago", a partir do Google Pages Creator o Arquivista pode criar, editar, publicar e alojar páginas Web a partir de qualquer computador com acesso à Internet. A utilização deste recurso é extremamente simples, sendo uma boa solução para quem pretende criar um webSite simples, fácil de utilizar e sem qualquer investimento o aspecto mais inconveniente reside no facto de não podermos alterar a estrutura básica dos modelos.

De todas as hipóteses apresentadas, três delas (Goowy, Podomatic e o Del.icio.us) foram indicadas como não sendo utilizadas por nenhum Arquivo, pelo que nos predispomos a fazer uma breve apresentação das potencialidades destes recursos em prol do trabalho desenvolvido pelos Arquivistas.

O Goowy é um serviço que além de ser um desktop online oferece recursos de comunicação e partilha na Web. As suas aplicações são inúmeras podendo ir desde o e-mail, arquivo virtual de ficheiros, sistema de agenda e calendário, lista de contactos, leitor de RSS, bloco de notas, visualizador de vídeos do YouTube, Podcast, entre outros. É um desktop, como o do nosso computador mas com a vantagem de estar acessível através da Internet, onde quer que estejamos. O nosso computador tem todos os documentos que trabalhamos, no Goowy podemos ter esses documentos on-line podendo ainda escolher o âmbito que pretendemos (publico ou privado) possibilitando a organização da informação em pastas e subpastas, esta característica evita o transporte de computadores, discos externos mas principalmente a contaminação por vírus.

Este recurso pode funcionar como um estímulo para os profissionais que trabalham nos Arquivos Municipais, tornando-os, por um lado, organizados e por outro, disponíveis para a partilha de informação. O Goowy tem uma interface extremamente amigável tornando a sua criação bastante simples e intuitiva.

O Podomatic, serve essencialmente para criar uma página on-line de distribuição de conteúdos áudio, este permite-nos a gravação de registos áudio directamente na página para tal apenas é necessário um microfone, não havendo necessidade de ter instalado no computador qualquer software de gravação e edição áudio. O Podomatic pode ser encarado como uma espécie de Blogue ou Audioblogue, é um espaço onde o utilizador reúne todos os seus Podcasts, podendo associar-lhes imagem e texto.

Este recurso é extremamente útil para aqueles que pretendam criar ficheiros áudio, consideramos que seria extremamente interessante criar um espólio de documentos áudio por exemplo das lendas e tradições contadas pelas vozes dos mais velhos, consideramos que seria um património verdadeiramente valioso. Esse património deixaria de se perder no tempo.

Para Cruz (2007) "na sociedade em que vivemos é cada vez mais importante o trabalho de equipa e a colocação do saber individual ao dispor e proveito do grupo, visto que a evolução dos saberes implica a constante actualização e capacidade de aprendizagem, a interacção social e interpessoal deve ser privilegiada".

O Del.icio.us, nos Arquivos Municipais, pode fomentar a colaboração não só entre colegas de trabalho, mas também entre trabalhador e utilizador. Este recurso on-line, permite-nos adicionar e pesquisar bookmarks (favoritos) sobre qualquer assunto, um dos seus objectivos é permitir o armazenamento e partilhe de bookmarks na Web, ou seja o Arquivista vai arquivar e catalogar os Sites que considera serem de interesse para si e para os seus utilizadores, de modo a que estes os possam aceder em qualquer lugar, e adicionar favoritos também em qualquer lugar, além do já explicado o utilizador também pode partilhar os seus bookmarks e visualizar os bookmarks de

outros membros da comunidade, no entanto o utilizador pode definir os seus bookmarks como privados ou públicos.

Uma das nossas sugestões passa por criar uma conta em que devem ser definidas tags sobre um assunto, por exemplo: o Concelho onde está localizado o Arquivo Municipal, a partir daí podemos ir inserindo bookmarks relacionados com esse Concelho, ou seja um utilizador que pretenda informações sobre essa localidade vai encontrar ao seu dispor toda a informação agregada num único espaço, evitando perdas de tempo, por outro lado, este trabalho ao ser elaborado por um profissional vai certamente tentar agregar informação credível evitando que o chamado lixo da Web chegue aos seus utilizadores.

6. Conclusão

Quando se fala em Arquivos o pensamento da maioria das pessoas remete logo para locais escuros e cinzentos, sem luz, e com os denominados "ratos de arquivo", que é o sinónimo mais populista de Arquivista.

Existe uma luta constante para demonstrar que o trabalho desenvolvido num Arquivo é muito mais do que guardar documentos, o Arquivo deixou de ser o "arcabouço" ou aquele local para onde iam os funcionários que eram colocados de "castigo", se é verdade que os Arquivos eram vistos "como um serviço de menor importância" também é verdade que com a proliferação das ferramentas Web utilizadas para a disponibilização de conteúdos on-line nos Arquivos, tanto públicos como privados, a nossa sociedade começa a dar algum valor ao trabalho dos Arquivistas bem como à utilidade dos Arquivos públicos.

Este projecto foi iniciado com a intenção de saber se os Arquivos recorriam aos recursos da Web 2.0 e eventualmente indicar algumas sugestões passíveis de serem aplicadas em contexto de trabalho nos Arquivos Municipais.

No que respeita aos Arquivos Municipais a verdade é que estes recursos não se limitam a divulgar os espólios documentais ou até mesmo a criar comunidades da área, eles, vão muito além do referido, se encararmos estes recursos como uma ferramenta de trabalho colaborativo o seu exponencial pode mesmo ser considerado extraordinário, uma vez que se pode obter informação que de outra forma não nos seria facultada, como referido no exemplo do Flickr aquando da análise de dados.

Durante toda a humanidade o homem procurou através de diversos meios e técnicas preservar o património cultural de modo a construir e transmitir uma identidade e uma história para as gerações futuras.

A realidade é que uma parte significativa do património cultural não se encontra totalmente documentada, reside sim no poder das populações.

O conceito de Web 2.0 tem contribuído para a criação de um sentimento de partilha e comunidade entre o utilizador comum da Internet. Esse sentimento está na base do sucesso de aplicações, tecnologias e produtos como os Blogues, o Flickr, o YouTube, ou o Facebook, que de uma forma genérica visam a agregação de conteúdos e estimulam a partilha de informação. Estes conteúdos podem e devem ser agregados pelos utilizadores e pelas pessoas que trabalham nos Arquivos.

A Web 2.0 não se restringe ao aparecimento e proliferação de recursos, mas sim à utilização de forma colectiva e social da grande infinidade de recursos e serviços disponíveis, fazendo com que a informação seja partilhada livremente e construída a partir da colaboração de todos os utilizadores.

A agregação, partilha e disponibilização de informação são os princípios base que sustentam a necessidade de criação de uma memória colectiva. Como tal, acredita-mos, que os recursos da Web 2.0 podem contribuir eficazmente para a construção de uma memória colectiva. É esta memória "perdida" que os Arquivos podem e devem recolher, salvaguardar, difundir e preservar.

Como resposta às questões formuladas e referidas no ponto 1.5 deste estudo, podemos afirmar que:

Relativamente à questão: Qual o papel dos Arquivos Portugueses perante o avanço da Sociedade da Informação?

Constatamos que os Arquivos Portugueses estão como que divididos em dois grupos, um grupo está na vanguarda e o outro grupo encontra-se obsoleto, não existe um plano ou uma estratégia que permita que todos os Arquivos consigam acompanhar o avanço da sociedade da Informação, constatamos que o papel dos Arquivos ainda não está devidamente definido, pelo menos para muitos dos Arquivos.

Na questão: Como estão os Arquivos Portugueses a adoptar as Tecnologias da Informação?

Através da análise dos dados, podemos constatar que, os profissionais da área dos Arquivos consideram as tecnologias da informação muito importantes e estão a adoptar novas tecnologias, contudo os Arquivos Municipais, apresentam um conhecimento e um índice de utilização muito baixo ou mesmo quase nulo no que diz respeito aos recursos da Web 2.0.

Que recursos da web 2.0 são utilizados nos serviços de Arquivo?

Os recursos mais utilizados na divulgação dos Arquivos são o Site e o Portal seguido do Facebook. Embora seja um recurso de acesso livre/grátis a verdade é que, numa amostra de 77 Arquivos Municipais apenas seis utilizam Facebook.

Os resultados obtidos sobre os recursos utilizados como complemento de ajuda ao trabalho no Arquivo foram igualmente muito diminutos, sendo o Google Docs o mais utilizado.

De que modo podem contribuir os recursos da Web 2.0 nos serviços de Arquivo a prestar aos utilizadores?

A agregação, partilha e disponibilização de informação são os princípios base que sustentam a necessidade de criação de uma memória colectiva. Como tal, acredita-mos, que os recursos da Web 2.0 podem contribuir eficazmente para a construção de uma memória colectiva. É esta memória "perdida" que os Arquivos podem e devem recolher, salvaguardar, difundir e preservar.

Os Arquivos devem organizar o conhecimento e dar às populações a faculdade de participar e partilhar como por exemplo uma timeline integrada no portal que pudesse recolher contributos.

Quais os serviços que estão disponíveis em linha?

São alguns os serviços disponíveis em linha nomeadamente: pedido de certidões, consulta de documentos, etc., no entanto mais uma vez constatamos que o número de Arquivos que disponibiliza estes serviços ainda é muito reduzido.

Que dimensões da Web 2.0 incorporam a dinâmica relacional dos Arquivos Portugueses?

No final do estudo podemos aferir que no que respeita à Web 2.0 ainda não existe uma dinâmica relacional dos Arquivos Portugueses.

Perante estes resultados, concluímos, que está na altura de reflectir seriamente no papel das tecnologias nos Arquivos Municipais. Se compararmos os Arquivos às Bibliotecas é notória a discrepância que existe no que respeita ao uso das tecnologias, todavia, consideramos que este facto se deve à falta de conhecimento e formação.

Numa das muitas pesquisas efectuadas deparamo-nos com a seguinte questão:

As ferramentas Web irão, nos próximos anos, colorir a imagem dos Arquivos Públicos?

Não podemos dar certezas, mas acreditamos que sim. Para que tal aconteça é necessário implementar medidas, medidas essas que passem por uma mudança de atitude face ao desenvolvimento das tecnologias.

Durante a elaboração do estudo ficamos com a percepção que muito ficou por dizer ou analisar, contudo, consideramos que seria bastante pertinente elaborar um manual de apoio para os Arquivistas, manual esse, que explicaria como tirar o maior proveito possível dos recursos da Web 2.0 e até mesmo da já falada Web 3.0.

Importa ainda referir que as conclusões auferidas são generalizáveis, uma vez que este estudo não teve suporte estatístico adequado a tal verificação.

Bibliografia

Amaral, S. A. (1998). *Marketing: Abordagem em unidades de informação*. Brasília: Thesaurus.

Bautier, R. H. (1961). *Les archives*. Paris: Gallimard.

Borges, Maria Manuel. (2002) *De alexandria a xanadu*. Coimbra: Quarteto Editora.

Carvalho, A. (2002). *Multimédia: um conceito em evolução*. *Revista Portuguesa de Educação* , pp. 245-268.

Cruz, S. (2007). *O BLOGUE E O PODCAST PARA APRESENTAÇÃO DA APRENDIZAGEM COM WEBQUESTS: Actas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação: Desafios 2007/ Challenges 2007*. Braga: Universidade do Minho.

Gauthier, B. (2003). *Investigação Social: da problemática à colheita de dados*. Loures: Lusociência.

Ghiglione, Rodolphe, Matalon, Benjamin. (1993) *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Ed.

Granado, A., & Barbosa, E. (2004). *Weblogs Diário de Bordo*. Porto: Porto Editora.

Luz, C. (2010). *Arquivologia 2.0: A Informação Digital Humana Excertos de um Arquivista 2.0 no mundo digital*. Florianópolis: Editora Bookess.

Mattar, F. N. (1994). *Pesquisa de Marketing: metodologia, planeamento, execução e análise*. São Paulo: Atlas.

Martins, H. (2008). *Dandelife, Wiki e Goowy*. In A. A. Carvalho, *Manual de ferramentas da Web 2.0 para Professores* (p. 121). Selanova: Ministério da Educação Direcção Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Oliveira, C. (1996). *História dos Municípios e do Poder Local: dos finais da idade média à união europeia*. Lisboa: Circulo de Leitores.

Pereira, M. J. (2005). *Sistemas de Informação: uma abordagem sistémica*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Lda.

Ribeiro, C. F. (1998). *O Acesso à Informação nos Arquivos*. Porto.

Serrano, António, Fialho, Cândido. (2005). *Gestão do conhecimento: o novo paradigma das organizações*, 2.^a ed. aumentada. Lisboa: FCA - editora de informática.

Silva, Armando Malheiro da, [et al]. (2002). *Arquivística: teoria e prática de uma informação*, 2.^a. Porto: Edições Afrontamento.

Stake, Robert E. (1994). *Case study*. In: DENZIN, N & LINCOLN, Y. (orgs.). *Handbook of qualitative research*. Londres: Sage.

Yin, R. K. (2005). *Introducing the world of education. A case study reader*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Webgrafia

Calisto, J. A. (2008). A Investigação em Portugal na Área da Documentação / Informação. *Comunicação apresentada no Encontro Ibérico de Docentes e Investigadores en Información y Documentación*, 3, Salamanca. Obtido em 14 de 08 de 2011, de <http://nortebad.files.wordpress.com/2008/09/notassoltassobreci311.pdf>

Orihuela, J. L., & Santos, M. L. (2004). *Los weblogs como herramienta educativa: experiencias con bitácoras de alumnos*. Obtido em 29 de 08 de 2011, de http://www.quadernsdigitals.net/index.php?accionMenu=hemeroteca.VisualizaArticuloIU.visualiza&articulo_id=7751&PHPSESSID=085f3dd10215ef632a02a7887514e6db

Peixoto, António Maranhão (2002). Arquivos Municipais: Evolução e Afirmação. [Versão electrónica]. *Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação*, 2: p. 96-104. Obtido em 04 de outubro de 2011 de <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/385/38505109.pdf>

Ribeiro, Fernanda. (2002). *O desafio da formação profissional: novo paradigma, novo modelo formativo*. Obtido em 19 de 05 de 2011, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1241.pdf>

Wikipédia. (s.d.). *Web 2.0*. Obtido em 02 de 07 de 2011, de http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0

Wikipédia. (s.d.). *Internet*. Obtido em 02 de 07 de 2011, de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet>

Wikipédia. (s.d.). *Arquivo Distrital*. Obtido em 06 de Julho de 2011, de http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquivo_distrital

Anexo

Inquérito ministrado a trezentos e oito Arquivos Municipais, dezoito Distritais e dois Regionais

Mestrado em Ciências da Informação e Documentação Universidade Católica Portuguesa/ Faculdade de Filosofia de Braga Questionário

Nome da Instituição:

Preenchido por:

Categoria/Função:

Identificação da tipologia do Arquivo

- Arquivo Regional
- Arquivo Distrital
- Arquivo Municipal
- Outro

Qual?

Número de habitantes do Município:

- Até 20.000
- De 20.000 a 50.000
- Mais de 50.000

Indique a dependência orgânico-funcional do Arquivo:

- Área administrativa
- Área Cultural
- Do Presidente/Vereador

A construção/reconstrução do Arquivo foi alvo de algum apoio financeiro?

- Não
- Sim

Se sim, indique o tipo de apoio.

O espaço onde se encontra o Arquivo resultou da:

- Adaptação de um edifício existente
- Construção de um edifício específico para o Arquivo

Indique a idade do edifício:

O espaço onde se encontra o arquivo é de uso exclusivo para este serviço?

- Não
- Sim

Habilitações literárias do responsável pelo Arquivo?

Acumula esta com outras funções?

- Sim
- Não

Quais?

Indique o número de colaboradores do Arquivo a tempo inteiro

Técnicos Superiores

Técnicos Superiores de Arquivo

Técnicos Profissionais

Técnicos Profissionais de Arquivo

Assistentes Técnicos

Outros:

Caracterização da Documentação existente no Arquivo Caracterize o tipo de documentação existente no

Arquivo:

São efectuadas transferências regulares e sistemáticas para arquivo intermédio e/ou definitivo?

- Sim
- Não

O Arquivo recebe documentação exterior com que frequência?

- Frequentemente (mensal)
- Regularmente (semestral)
- Ocasionalmente (anual)
- Raramente
- Não recebe

O Arquivo está aberto ao público?

- Sim
- Não

Horário de funcionamento público:

- Horário fixo, de 2ª a 6ª feira, de manhã e de tarde
- Horário fixo, algumas vezes por semana
- Sem horário fixo

Os serviços de arquivo estão todos localizados no mesmo edifício?

- Sim
- Não

Número médio anual de utilizadores:

O Arquivo desenvolve actividades de carácter pedagógico, cultural, científico ou social?

- Recebe visitas de estudo
- Organiza exposições no Arquivo
- Disponibiliza documentos para exposições
- Proceda a recolhas de património arquivístico local
- Organiza seminários/conferência/cursos
- Edita e/ou publica obras
- Não desenvolve qualquer actividade desta natureza

O Arquivo possui serviços próprios de reprodução de documentos?

- Sim
- Não

O Arquivo efectua reproduções por:

- Fotocópia
- Microfilmagem
- Digitalização

Frequência com que os utilizadores recorrem ao serviço de Arquivo:

- Todos os dias
- 1 a 2 vezes por semana
- 3 ou > vezes por semana

Indique para que fins é utilizado o Arquivo

- Estudo/Pesquisa
- Requisitar documentos
- Pesquisas bibliográficas

Recursos disponibilizados pelo Arquivo Instrumentos de pesquisa:

- Inventário
- Catálogo
- Catálogo on-line
- Guia
- Índices
- Listas de Incorporação
- Quadros de Classificação

Considera importante o papel dos Arquivos Portugueses perante o avanço da sociedade da informação?

- Sim
- Não

O Arquivo está a adoptar as tecnologias da Informação?

- Sim
- Não

O Arquivo utiliza os recursos da web 2.0?

- Sim
- Não

Recursos utilizados na divulgação do arquivo:

- Site
- Portal
- Facebook
- Flickr
- Blogue
- Twitter
- Dandelife
- RSS
- Feeds
- Mashup
- Outros

Se escolheu outros por favor indique o nome

Recursos da Web 2.0 utilizados como complementos de ajuda ao trabalho desenvolvido no Arquivo:

- YouTube
- Del.icio.us
- Podomatic
- Wiki
- Goowy
- Google Page Creator
- Google Docs
- Google Calendar
- Windows Movie Maker
- Outros

Se escolheu outros por favor indique o nome

Compromisso de Confidencialidade

Este inquérito destina-se á elaboração de uma tese de mestrado e as respostas obtidas serão tratadas como dados estatísticos para apresentação de resultados globais. Desde já muito obrigada pela colaboração.